

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 107

28 de maio de 2011

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos! Sejam bem vindos.

Estamos ao mesmo tempo fazendo a última aula do *Curso de Metafísica* e a transmissão regular semanal do *Seminário de Filosofia*. São dois cursos com estruturas completamente diferentes. Esses cursos presenciais que eu dou visam mais ou menos a fechar a exposição teórica de um ou outro ponto de tal modo que a coisa tenha uma unidade e possa mesmo, através de transcrição, se transformar num livro, ao passo que o *Seminário de Filosofia* tem uma função formativa e tem muito menos unidade de assunto. No *Seminário*, nós vamos e voltamos entre vários assuntos muitas vezes e há uma certa preocupação em acompanhar, de algum modo, às vezes por indícios indiretos, o aproveitamento dos alunos e a formação deles, o que num curso presencial de seis aulas é simplesmente impossível.

Fazer essas duas coisas ao mesmo tempo é sempre um desafio e um problema. Geralmente nessas aulas finais dos cursos presenciais nós fornecemos aos alunos do seminário um breve resumo do que foi dito aqui, tentando integrar aquilo dentro do programa geral do seminário. Esses temas metafísicos foram abordados de passagem em muitas aulas do seminário, mas sem a preocupação em ordená-las num conjunto identificável como foi feito aqui (se bem que nem todos os tópicos anunciados no programa foram abordados: alguns eu simplesmente pulei por achar que aqueles desenvolvimentos nos levariam muito longe e não haveria tempo para isto).

Esses programas de curso são sempre uma coisa arriscada: programamos uma coisa e falamos de outra. Dessa vez até que seguimos mais ou menos o programa, apenas saltando alguns itens. Pelo programa anunciado, a aula de hoje, esta aula final, seria sobre o assunto *História e Eternidade*, que é o assunto que já foi mais ou menos tocado também aqui e ali no *Seminário de Filosofia*. Tocarei no assunto desta aula entremeando, quando possível, elementos resumidos das aulas anteriores para que o pessoal do seminário possa acompanhar.

O ponto de partida de qualquer investigação sobre este tema, *História e Eternidade*, é um fato conhecido: todas as culturas de todas as sociedades que existiram no mundo têm algum tipo de narrativa mítica da sua origem, de modo que cada geração possa mais ou menos se situar dentro do destino geral que é o daquela cultura. Só que, no caso, a cultura em particular, qualquer que seja ela, aparece como se fosse o símbolo, o resumo, o condensado da humanidade, de modo geral. Se observarmos, por exemplo, os mitos da tribo Nhambiquara, veremos que eles só tratam da própria tribo, mas não como se fosse uma entre outras: tratam como se ela fosse a humanidade de modo geral. Essas narrativas das origens míticas de cada cultura consideram essa cultura em particular como se fosse toda a humanidade, ou como se fosse o centro da humanidade, um centro para o qual as outras culturas aparecem como um cenário passivo ou como um elemento antagônico, às vezes diabólico e até não humano, de algum modo.

Essas narrativas míticas são a origem daquilo que nós entendemos por *História*. E até hoje, aquilo que nós chamamos de *ciência histórica* consiste em contar uma parte da história como se fosse o todo, ou como se fosse a parte mais significativa. O procedimento que se continua usando na ciência histórica não é muito diferente das lendas e mitos de origem que encontramos nas culturas mais primitivas. Nesse sentido, nós não evoluímos muito.

Quanto mais essas narrativas históricas pretensamente científicas ou pretensamente embasadas em teorias filosóficas racionalmente defensáveis tendem a mostrar a história como um processo unitário, mais parecidas elas se tornam com as narrativas míticas, pois o processo de obter esta impressão de unidade consiste na supressão de quase tudo. Por exemplo, se observamos a filosofia da história de Hegel, vemos que o número de informações históricas que ele leva em conta para fazer aquela construção é mínimo. Ainda que fosse um homem de uma erudição gigantesca, que conhecesse materiais de várias culturas, o fato é que toda a narrativa histórica se baseia na supressão.

A palavra *História* tem um duplo sentido. Por um lado, ela significa materialmente tudo aquilo que aconteceu ao ser humano; por outro lado, é a narrativa daquilo que aconteceu. Mas entre a história como matéria – história como dado, história como fato objetivo – e a história como narrativa – seja mítica ou científica –, a distância é imensurável. Não existe um único fato histórico, uma única seqüência de ações históricas que tenha sido jamais narrada em todos os momentos que a compõem, todos seus capítulos e elos, de modo que os elos causais verdadeiros – os nexos de uma ação a outra – aparecem encobertos por uma série de nexos lógicos muito mais simples do que aqueles que realmente se verificaram.

Existe uma frase do Ortega y Gasset que sempre me impressiona muito. Ele diz: “nunca ninguém escreveu um livro que explicasse perfeitamente por que alguém fez alguma coisa”. Todas as ações humanas, mesmo consideradas individualmente, nós só as conhecemos esquematicamente mediante umnexo lógico que nós jogamos sobre elas, freqüentemente ignorando os nexos causais reais, e ignorando pelo simples fato de que qualquer seqüência de nexos causais reais é muito complexa (mesmo porque a unidade e seqüência de um processo temporal qualquer, uma seqüência de ações humanas é entrecortada de outros processos que nada têm haver com aquilo, mas que de algum modo interferem). É como se dissesse que a narrativa da realidade é impossível. Não podendo narrar a realidade, o historiador narra uma seqüência de nexos lógicos que ele acredita ter percebido.

Mas é o caso de perguntar: se nós não conhecemos sequer materialmente os elementos que compõem essa seqüência, como poderíamos conhecer o seu sentido lógico total? Nós não temos nem sequer a narrativa dos fatos, quanto mais a apreensão do sentido. Toda e qualquer narrativa histórica só vale na medida em que ela reflita a tensão entre o conhecimento histórico e a ignorância histórica que é o fundo de toda investigação histórica. Aquela parte que é ignorada e que permanecerá para sempre ignorada, é justamente ela que constitui a verdadeira substância dos fatos que estamos narrando, a ligação entre uma coisa e outra. Vamos tomar um exemplo simples: um comandante que dá uma ordem para uma parte da tropa. [00:10] Entre a ordem, sua execução e o seu resultado, temos uma infinidade de fatores estranhos que interferem naquilo, e isto é impossível reconstituir. O máximo que podemos fazer é destacar deste conjunto incognoscível alguns pontos que para nós estão claros, a respeito dos quais nós temos informação e tentar encontrar ali algumnexo.

Porém, como já expliquei durante o debate com o professor Duguin, existem dois tipos de nexos causais em história: existe (a) o nexo de um plano, ou seja, uma ação que é conduzida de acordo com um intuito e uma representação prévia da seqüência de atos necessários para perfazê-la. Neste caso, a racionalidade antecede a ação e nunca a antecede perfeitamente, isto é, nenhum plano

abrange antecipadamente todas as adaptações e ajustes que terão de ser feitos para adaptá-lo a circunstâncias móveis nas quais ele será realizado. Assim, [o nexa identifica] sempre uma racionalidade parcial e também móvel; mas, de qualquer modo, uma racionalidade que antecede a ação. O outro caso (b) é quando observamos uma sequência de ações que são mais ou menos inconexas, mas que, cruzando-se em determinados momentos do espaço e do tempo, produzem um resultado.

No primeiro caso, tudo o que é preciso fazer é conhecer o plano antecipadamente e acompanhar mais ou menos os percalços de sua realização. No segundo caso, a racionalidade é injetada nos fatos *a posteriori* por um historiador. Então podemos dizer que no primeiro caso a racionalidade das ações está nelas mesmas, pois elas foram desempenhadas em vista de sua coerência lógica com o resultado hipotético a ser atingido. No segundo caso, a racionalidade está somente na cabeça do historiador, e dificilmente ela coincidirá com a ordem efetiva das causas envolvidas porque essas causas são sempre em número inabarcável.

Ora, a base da narrativa histórica eficaz é esta consciência de que a narrativa histórica não coincide com a substância material da história. A narrativa tem de contar com o desconhecido e o desconhecido tem de estar de algum modo dentro dela dando a verdadeira densidade de uma narrativa que sem isso seria apenas um desenho num papel, uma concepção lógica de historiador.

Mas isso quer dizer que os processos históricos são completamente incompreensíveis para nós? De maneira alguma, porque no conhecimento histórico observa-se aquela mesma relação que eu assinali umas aulas atrás, tanto aqui no *Curso de Metafísica* quanto no *Seminário de Filosofia*, que é a diferença entre o conhecer e o pensar.

Se nós tomamos o conhecer na sua plena acepção, nós vemos que a cada momento e para a consecução das ações mais simples nós levamos em conta uma multidão de conhecimentos nos quais jamais poderíamos pensar conscientemente. O simples fato de um indivíduo conseguir se mover, conseguir andar, pressupõe uma multidão de conhecimentos que ele foi adquirindo ao longo do tempo e dos quais ele não pode se lembrar conscientemente agora. Como você aprendeu a andar? Isto chamou minha atenção porque, quando eu era moleque, eu fiquei doente e deitado com febre durante tanto tempo que, ao acordar e me levantar, eu percebia que tinha esquecido como que se andava. Eu me lembro mais ou menos disso porque eu tive de refazer esse aprendizado várias vezes. Mas em geral isso não acontece, o sujeito aprende a andar quando é muito pequenino e não lembra mais como é que ele fez. Ele tem aquele conhecimento, mas não o tem em sua memória. Do mesmo modo acontece ao reconhecer uma pessoa com a qual você está acostumado a viver: sua mãe, sua esposa, seu filho. Na convivência diária, você não tem a menor dificuldade de reconhecê-la e até de perceber quais são as reações típicas dessa pessoa ou o tom da fala dela, o fundo emocional mais ou menos identificável, tudo isso você percebe. Porém, tente representar isso mentalmente, isto é, tente transformar isso em pensamento. Você não consegue. Você consegue reconhecê-la pela presença, mas não pela representação.

Apresentar é uma coisa, representar é outra. Quando aquela realidade, aquela pessoa, aquele ente se apresenta, você o reconhece porque o conhece, mas você não consegue representá-lo, ou seja, apresentá-lo de novo não na realidade, mas no pensamento. Isso quer dizer que todas as pessoas que nós conhecemos são cognoscíveis, pois nós de fato as conhecemos, mas elas não são pensáveis. O máximo que conseguimos pensar são alguns signos isolados que representam aspectos infinitesimais daquela pessoa e que para nós funcionam como lembretes, como um recurso mnemônico que nos permite lembrar que conhecemos aquela pessoa. Mas mesmo quando lembramos, isso não quer dizer tenhamos de recordar conscientemente e representar todos os dados. Isto também seria impossível. Nós não precisamos nos representar essas pessoas, pois elas mesmas se apresentam de algum modo. Elas são partes não de nosso pensamento, mas de nossa realidade.

Então, nós as conhecemos como realidades. O modo de conhecer uma coisa como realidade é completamente diferente do modo de conhecê-la como pensamento.

Logo nas primeiras aulas eu dei aquele exemplo do teste com as cartas de baralho, em que o raciocínio feito na base de impressões táteis imediatas era mil vezes mais rápido do que o raciocínio feito mediante a representação de cada uma das cartas. Isso não quer dizer que os voluntários não estivessem pensando. Eles estavam pensando, mas não com um material representado, e sim com um material apresentado. Quando você dirige um carro, você toma milhares de decisões muito rápidas sem precisar representar mentalmente o que está acontecendo. Você raciocina a partir dos dados externos imediatos. Eles formam um silogismo entre si. Não é um ato intuitivo – intuição é mera apreensão de uma presença – não é isso. No caso, já é um raciocínio, há um silogismo que você monta. Mas você monta muito rapidamente, porque não está pensando através de pensamento, mas a partir de dados exteriores, que você incorpora instantaneamente numa forma lógica identificável, de modo que a conclusão se apresenta de maneira imediata e quase instantânea, sem que você precise fazer a representação.

Quando nós lidamos com a história, acontece exatamente a mesma coisa. A estrutura real das ações humanas pode ser de certo modo percebida ou pode ser antecipada, pode ser adivinhada sem que você tenha de pensá-la. Ou seja, nós levamos em conta uma infinidade de elementos desconhecidos mas cuja presença sabemos que está lá e que nenhuma narrativa histórica poderia recompor. Então, nesse sentido, quando você pensa os personagens históricos não como personagens de uma narrativa que o historiador fez, mas como pessoas reais agindo no mundo real, a sua imaginação, a sua expectativa [00:20] de certo modo preenche todos aqueles elementos que a narrativa histórica jamais poderia reproduzir. Por exemplo, a continuidade física da existência dos personagens entre uma ação historicamente conhecida e outra: sabemos que no dia tal o governante tal assinou um decreto e que no outro dia, digamos, ele foi destituído. Isso não poderia acontecer se ele não continuasse a existir fisicamente durante o intervalo. Mas este intervalo não faz parte da narrativa histórica, e, no entanto, sabemos da continuidade da sua existência instantaneamente. Ou seja, nós sabemos que toda narrativa histórica feita por historiador é descontínua, mas que a realidade é contínua.

Pior ainda, é também assim que nós nos conhecemos a nós mesmos. Se tomarmos todos os atos de consciência que praticamos em relação a nós mesmo, veremos que tudo aquilo que sabemos sobre nós e que podemos narrar ou pelo menos pensar, isto tudo não compõe uma pessoa real. Sabemos que ali existe um substrato desconhecido que permanece existindo continuamente enquanto nossa consciência é entrecortada, descontínua, feita de momentos. Entre esses vários momentos que conhecemos, podemos tentar criar uma unidade lógica, mas essa unidade lógica só existe no pensamento.

Por exemplo, eu vejo que fiz tal ou qual coisa e depois tal outra e daí eu concluo que minha vida tem algum sentido, que estou me encaminhando numa certa direção. Mas esta não é a história da minha pessoa real; apenas a história da minha auto-imagem, de algum modo, onde eu pego vários dados separados no tempo e costuro uns aos outros não por um elo narrativo, mas por um elo lógico. Então, toda e qualquer tentativa de apreender o sentido de qualquer seqüência de ações que não leva em conta esta diferença entre a reconstrução lógica de um sentido ideal e a continuidade substancial do processo, ela está enganada. Qualquer sentido que você observe, ou creia observar numa seqüência de ações – seja na vida inteira de uma pessoa, seja na vida inteira de um país ou na vida inteira da humanidade – é apenas uma construção lógica. A verdadeira substancialidade do processo está muito abaixo disso e não pode ser objeto de representação, mas curiosamente pode ser objeto de conhecimento, porque se eu sei que por baixo da pretensa unidade lógica entre os fatos que conheço existe uma unidade substancial contínua que não posso pensar, mas que eu posso efetivamente ser, então posso também entender que a história é assim. Ou seja, materialmente a

história da humanidade inteira teve alguma unidade, mas esta está colocada num plano tão abaixo, tão subterrâneo, por assim dizer, que ela é inapreensível pelo ser humano.

Onde estaria esta unidade? Ora, a unidade substancial de um processo só pode estar nas causas profundas e permanentes que a determinaram. Dito de outro modo, a única unidade substancial possível da história humana é a vontade de Deus que a determinou, mas essa vontade é incognoscível. O sentido material, substantivo da história, só Deus sabe. Quando falamos do sentido da história, estamos nos referindo a simulacros de unidade que nós construímos logicamente entre pedaços soltos da história e é por isso mesmo que toda tentativa de expressar o sentido da história sempre falha. Toda interpretação global da história universal sempre falha.

Aluno: [inaudível] da pessoa tem alguma importância [...] consciente e inconsciente?

Olavo: O inconsciente só é inconsciente em relação à consciência. Portanto, ele faz parte também do mundo do pensamento. A unidade substancial de sua pessoa não está em seu inconsciente, está muito abaixo do seu inconsciente. Abaixo no sentido do invisível.

Aluno: [...] reconhecer que muitas coisas acontecem conosco que...

Olavo: Mesmo que você conseguisse desencavar todos os conteúdos do seu suposto inconsciente, ainda você não teria a representação completa de uma pessoa; você teria apenas momentos soltos. Veja: somente a consciência de que existe uma unidade inapreensível por baixo de todos os simulacros de unidade que nós conseguimos construir é que pode fazer com que estes simulacros sejam corrigidos e se aproximem da realidade, de algum modo. Então, o valor do conhecido se mede pela intensidade da consciência do desconhecido que está embutida nele, de modo que, por trás de tudo aquilo que você está dizendo sobre a realidade e que é baseado em fragmentos costurados, a própria realidade de algum modo fale e diga mais do que você está dizendo.

Aluno: E os atos falhos? Será que tentando estourar os atos falhos do paciente...

Olavo: Não adianta nada. Não adianta nada porque o mundo inteiro do inconsciente é também o mundo do pensamento. Você poderia dizer que o seu inconsciente freudiano, por exemplo, é a matriz de sua unidade? Claro que não, ele também consiste de momentos soltos. Ora, quando lemos um romance, *Guerra e Paz*, *Os Irmãos Karamázov*, observamos que essas histórias, elas dizem muito mais do que está narrado. De onde vem aquela impressão de realidade que essas histórias lhe transmitem? Você lê uma série de episódios e tem a impressão de que está lidando com pessoas reais, como se você as conhecesse.

Aluno: [...]

Olavo: Elizabeth Kübler-Ross Não, você está procurando a resposta na mente do leitor. Não vêm daí, não pode vir daí.

Aluno: [...] ausência das coisas?

Olavo: Uma história ficcional não é contada com o intuito de dar uma representação coerente da realidade, mas de criar uma série de símbolos por trás dos quais a realidade efetiva possa aparecer de algum modo. Então, quando você lê essas histórias, você tem a impressão de que sabe daqueles personagens muito mais do que está dito no texto. Eu vou te dar um exemplo: você está lendo a história e de repente ela começa a se passar na sua imaginação como se fosse um filme. Mas no texto não tem imagens, só tem palavras! E esta impressão de realidade pode se ampliar ao ponto de não conter só imagens, mas sons, cores, odores, impressões tácteis, até dor ou prazer físico às vezes.

[00:30] Por que isso é possível? Se esse processo se desse apenas na mente do leitor, então ele preencheria aquilo com qualquer coisa que ele queira. Mas assim as impressões obtidas por um leitor seriam tão diferentes das de um outro que eles não poderiam sequer conversar a respeito daquilo que leram. Seria intransmissível, e, no entanto, não é assim. Existe um conjunto de experiências mais ou menos identificáveis entre os leitores de uma mesma narrativa, e é por isso que se pode fazer ao longo do tempo uma tradição de interpretações ou de discussões a respeito daquele texto. De outro modo, isso não seria possível. Então, esta possibilidade, essa força da narrativa ficcional que por trás do que está pensado insinua algo que está muito além do pensamento, esta capacidade não está no leitor, está na própria obra, o texto mesmo faz isso, porque na medida em que ele se constitui de símbolos, o símbolo por sua própria natureza evoca algo que o transcende.

O símbolo é uma evocação compacta de uma coisa muito complexa. Então, neste tecido de símbolos que está ali no texto, insinua-se muito mais do que as meras palavras dizem. E isto que está insinuado para trás é aquele coeficiente de desconhecido que dá justamente a substancialidade da vida, embora não completamente. Digamos que você tenha lido Dostoiévski. Isto lhe evocou uma série de coisas, pareceu que você estava vendo as cenas etc. Agora, você decidiu que vai descrever tudo isto. Você não consegue. E mesmo que conseguisse, veria que por trás dessas suas evocações aparecem outras, e outras, e outras... É só por isso que nos interessamos por essas narrativas, ao ponto de elas às vezes nos impressionarem mais do que os fatos reais de nossa vida. Por exemplo, outro dia estava me lembrando de uma narrativa que li quando era muito jovem, que se chama *Os Sete Enforcados*, do russo Leonid Andreiev. É a história de terroristas que planejam um atentado a um ministro, mas são descobertos e a polícia os prende. Eles vão para a cadeia e são enforcados. É só isto a história. E quando eu li aquilo, eu sentia o *cheiro* da cela onde eles estavam presos. O ministro passa uma noite aterrorizado porque não sabe se a polícia vai pegar os caras, não sabe se vai morrer ou não. Eu senti o suor frio do ministro. E até hoje me lembro disso, mas nada disso está escrito. Isso está nas entrelinhas, mas me lembro mais das entrelinhas do que do texto. Se me pedirem para repetir o texto eu não consigo, mas aquilo que está para além do texto, que está apenas longinquamente evocado pelos símbolos do texto, está ainda presente em minha memória até hoje. E notem bem: qualquer grande obra de ficção que tenha lido, você se lembra dela exatamente assim. Você não se lembra do texto, talvez não se lembre de uma só palavra do texto.

Então, a narrativa de ficção tem por sua própria natureza esta abertura para o desconhecido, não para um desconhecido indefinido, mas justamente para aqueles aspectos do desconhecido que dão a substancialidade real dos fatos narrados, ao passo que uma narrativa histórica nem sempre consegue fazer isso. Justamente por pretender restaurar literalmente o nexos entre os acontecimentos, ela vai perder em força simbólica, a não ser que o historiador entenda que o máximo que ele pode fazer é criar uma ficção baseada nos documentos. Todos os elementos são fáticos, mas a realidade dos acontecimentos não está nem nos fatos nem nos documentos, e sim no coeficiente de desconhecido que está por trás dele. Então se ele conseguir montar os fatos e documentos de tal modo que eles simbolicamente insinuem esse desconhecido, então ele vai ficar muito mais próximo da realidade do que se ele acreditar ingenuamente que aquela reconstituição que está fazendo é a realidade. Ela nunca é a realidade. Ela é apenas uma conexão lógica entre elementos soltos da realidade. Mas, entremeados nesses elementos soltos, pode haver mil outros processos causais mais importantes e mais determinantes que escaparam completamente à percepção do historiador.

Um fato da maior importância é que à medida que o tempo passa, os meios de intervenção deliberada e planejada na história humana se desenvolvem, aumentam e adquirem um poder extraordinário, um poder que hoje em dia vai infinitamente além daquilo que o cidadão comum pode imaginar. Por exemplo, um escritório de engenharia social pode planejar todo o imaginário de uma população pelos próximos vinte anos. E as pessoas vão seguir aquilo sem ter a menor idéia de que foi planejado. Às vezes as pessoas chegam do Brasil contando que você nem imagina como está

aquilo lá: aquele negócio de gayzismo, anti-homofóbico, todo mundo aderiu a isso de coração. Você fala qualquer coisa contra gay e as pessoas ficam ofendidas. Vocês repararam como isso foi rápido? E como é que se pode dizer que é um processo espontâneo, se sabemos que existem inúmeras entidades e agentes forçando para que isso aconteça? Como é que se faz isso? Como é que se faz uma população inteira passar a acreditar no contrário do que acreditava? Se você disser “propaganda”, bom, você está usando um termo que já está superado há muito tempo. A propaganda [opera assim]: se eu quero vender um objeto, eu tenho de partir do princípio de que você não o tem, de que você não o comprou ainda. Mas no caso de idéias como homofobia etc., ninguém chega para você e diz ter uma idéia nova à qual você terá de aderir. “Estou aqui vendendo a idéia”. Isso seria propaganda. Mas ninguém faz isso, evidentemente. Tudo aquilo que você deseja impor como mudança de conduta é dado como se já tivesse acontecido. Então, os agentes não vão defender uma idéia; vão falar dela como se todo mundo já acreditasse nela e como se a hipótese de não acreditar não existisse ou fosse anormal. Isso aqui é um dado de engenharia social: as pessoas só acreditam naquilo que elas acham que os outros acreditam. Se eu quero convencê-lo de uma coisa, eu não tenho de defender aquela idéia, eu não tenho de fazer propaganda dela; eu tenho apenas de falar com você como se você fosse apenas o último a saber. [00:40] Você é o último a aderir a uma coisa que todo mundo já aderiu. Na verdade não é assim, poucas pessoas acreditam na idéia, mas isto é só um dos inúmeros procedimentos.

No livro do Pascal Bernardin, *Machiavel Pédagoque*, ele lhe mostra que toda a pedagogia que foi instaurada no mundo desde há mais de trinta anos é toda assim, ninguém vai à escola para aprender matemática ou geografia. Não! É só para moldar comportamento através, por exemplo, da pressão dos pares. Mas essa pressão só existe depois que os pares já aderiram à nova conduta que você quer implantar. Então tudo começa com uma falsa e hipotética pressão dos pares que não estão nem sabendo de nada. [Você é conduzido a temer a cobrança de um juiz imaginário]: “Você tem de agir assim, senão todo mundo vai rir de você”. Mas ninguém está rindo e ninguém está sabendo disso, você é o único a saber. Então, é claro que é uma operação de prestidigitação: fazem o sujeito temer ser reprovado por uma comunidade que nem está sabendo disso. E assim você provoca uma situação onde as pessoas ficam com medo de uma represália que não somente não acontece, mas é impossível. Então, primeiro se instala o temor dessa represália e, somente quando esse temor está universalizado, passa a existir alguma possibilidade remota de uma represália real. Ou seja, as pessoas aderem às novas condutas por medo de uma ameaça inexistente e impossível. Esses são preceitos básicos de engenharia social. Eu estou dizendo isso só para terem uma idéia do poder transformador que a ação deliberada e planejada pode ter sobre a sociedade. Os meios de fazer isso só apareceram no curso do último século.

Na medida em que nos acostumamos com a presença disso, aquelas pessoas que se dedicam ao estudo desses assuntos e que sabem um pouco a respeito – de como se fabrica um consenso, de como se modifica uma conduta e etc. – podem tentar reinterpretar a história humana inteira como se a engenharia social tivesse sempre existido.

Eu, por exemplo, li um livro de história que se chama *A Fabricação do Rei*. Fica a impressão de que a imagem de Luis XIV foi concebida num escritório de engenharia social e aquilo foi implantado sobre a sociedade por meios mais ou menos artificiais. É claro que não foi assim, o autor está recontando a história a partir de um nexo lógico que só passou a existir muito depois dos episódios narrados. Ontem, quando estávamos discutindo sobre Aristóteles, e um dos alunos disse “*Aristóteles fez tal coisa para defender uma certa ordem social etc.*” Então, Aristóteles estaria fazendo um discurso ideológico. Porém, a possibilidade da existência de um discurso ideológico só surge depois que do advento de movimentos de massa. Se não há movimentos de massa, não há discurso ideológico. Isso quer dizer também que ideologia não é um fator permanente na história, mas é um fenômeno que surge a partir de um certo momento. Mas nós podemos retroativamente interpretar tudo o que se passou antes à luz de um nexos que só passou a existir para nós. Isto é só para

exemplificar como a aparência de consistência lógica de uma narrativa histórica pode ser um negócio totalmente enganoso. E é nesse sentido que dizemos que as obras narrativas ficcionais são mais verdadeiras historicamente do que qualquer obra sobre a história, porque elas sabem que são compostas por elementos descontínuos em torno dos quais existe uma espécie de aura simbólica que evoca toda a substância desconhecida que estava por baixo dos fatos. As obras históricas escritas no século XIX, quantas delas se sustentam de pé hoje em dia? Nenhuma. A pesquisa já mostrou que tudo aquilo estava errado. E a pesquisa que virá no século XXII mostrará que tudo o que se escreveu no século XXI está errado, e assim por diante. A narrativa histórica está continuamente se roendo a si mesma. Ela se destrói. Mas as obras de ficção continuam.

Aluno: A ficção pode explicar a história melhor do que a própria história?

Olavo: Claro! Se você ler *Os irmãos Karamazov* e *Guerra e Paz*, continua funcionando do mesmo jeito, porque a aura simbólica pode ser infinitamente enriquecida sem mudar o texto. Mas na pesquisa histórica, se depois se descobre que uma coisa não foi como o historiador contou, aquilo pode viciar o conjunto inteiro, a não ser que você leia as obras históricas como você lê as obras de ficção, não para verificar o acerto factual deste ou daquele ponto, mas para ter oportunidade de acesso ou vislumbre desse desconhecido que dá justamente a densidade dos acontecimentos. Mas é claro que você não pode fazer isso com toda obra histórica, mas somente com aquelas que têm na sua narrativa a mesma força literária de uma narrativa de ficção. A veracidade desses documentos vai muito além da veracidade dos meros fatos e textos e fontes etc. Eu não acredito que nosso conhecimento do passado possa ir muito além disso. Ou o historiador faz uma narrativa histórica “científica”, acreditando que captou certos elos lógicos entre isto e aquilo só para três dias depois vir outro historiador e mostrar que tudo aquilo está errado; ou ele, sabendo que sua narrativa é fragmentária, deixa-a em aberto para que o desconhecido a preencha.

Agora, veja que todos nós vivemos o tempo todo baseados na unidade do real, na unidade substancial da nossa própria pessoa e na perfeita continuidade da existência. Essa continuidade é inapreensível, a unidade substancial da nossa pessoa é inapreensível. Nós podemos dizer que são apenas crenças? Não. Se fossem crenças, seriam elementos de nosso pensamento e seriam revogáveis, seriam impugnáveis. Mas não são. Mesmo que o sujeito que diga, como David Hume, que ele próprio não tem unidade substancial alguma – ele diz que só tem estados separados e não existe nenhum eu substancial por trás disso –, mesmo o sujeito que diz isso continua agindo como se fosse um eu substancial. Ele pode negar o eu substancial da boca para fora, mas ele não pode agir como se ele fosse várias pessoas, como se ele fosse apenas fragmentos de várias pessoas. Ele não agiu assim em nenhum momento, pois se ele agisse assim, teria sido diagnosticada uma esquizofrenia. [Hume, portanto, defende que é como um] sujeito que assina um cheque e depois diz que a assinatura é do outro, não porque ele queira enganar, mas porque ele não lembra que foi ele mesmo quem assinou. Ele não tem [segundo seu próprio testemunho] unidade substancial suficiente para se manter na existência entre o tempo da assinatura do cheque e o tempo do seu resgate. É claro que ele de fato não é assim. Isso significa que a nossa noção da substancialidade [00:50], da unidade da realidade, assim como a unidade de nossa própria pessoa, não está no nosso pensamento. Claro que também podemos pensar nela, mas tudo o que pensamentos a respeito dela pode ser revogado. Mas a firmeza com que nos apoiamos nessa coisa transcende infinitamente o universo das nossas crenças.

Aluno: Mas tem um outro exagero também, não é? A pergunta é: como a gente vai conseguir conciliar a crítica dessa crença da História na forma [de] conhecimento do todo, mas, ao mesmo tempo, evitar o desconstrucionismo histórico, que também é o outro lado que vem negando tudo, chegando até mesmo em fatos essenciais da...

Olavo: Mas nem mesmo um desconstrucionista pode acreditar no que está dizendo por mais de cinco minutos. Ele só pode acreditar naquilo na hora em que está escrevendo. Ele não pode agir como um desconstrucionista, é impossível. Eu posso, por exemplo, dizer que um texto não tem nenhum sentido fora dele. Eu posso dizer isso, mas eu posso fazer isso? Se eu estou dizendo exatamente isto, estou me referindo a outros textos que não são o meu. Como é que eu posso me referir a algo fora do texto se eu mesmo estou dizendo que nada sai de dentro do texto? Não dá para fazer isso. Então, isso é uma coisa que só sai da boca para fora! Nenhum desconstrucionista jamais acreditou em desconstrucionismo: ele só acredita quando entra naquele estado de espírito profissional do professor de desconstrucionismo, assim como David Hume não acreditava no ceticismo de David Hume. Só que é o seguinte: David Hume tinha consciência disto e, se por um lado, a crítica que ele faz da substancialidade do eu é uma estupidez, por outro lado ele sabia perfeitamente que a unidade do eu existe. Só que ele a atribuía a uma crença irracional. Ele disse que a base de toda conduta humana é uma crença irracional, porque só a crença irracional funciona. Está mal colocado, mas está se aproximando da verdade: ele está querendo dizer que a unidade substancial está colocada num nível mais baixo que nós não podemos apreender, que não podemos pensar. O uso da palavra “crença” está errado, porque crença não passa de um pensamento. E sentimento? Sentimento é algo que se passa na nossa psique. Não adianta procurar unidade substancial no sentimento, porque freqüentemente você tem o sentimento de insubstancialidade também.

Aluno: A idéia dele de irracional não é tão ruim...

Olavo: A idéia dele não. Ele está querendo dizer algo que está para além das possibilidades expressivas dele.

Aluno: A crença [...] fica bem fora do que poderia ser retratado como irracional...

Olavo: Não. Racional e irracional só os nossos pensamentos o podem ser. Então o que estamos falando não é nem racional nem irracional, é simplesmente a realidade.

Aluno: Não caberia, então, dizer nem que é irracional?

Olavo: Não. Ele está tentando tratar de algo que vai para além do mundo da representação e do pensamento com os simples instrumentos da representação e do pensamento. Isto requer uma torção de linguagem que é muito difícil de operar.

Aluno: O que ele chamou de sentimento, na realidade, aquilo não a é idéia de sentimento.

Olavo: Não, não é o sentimento, mas é aquilo que estou chamando de conhecimento por presença e que é justamente a função que está agindo por baixo do pensamento, do sentimento, da imaginação o tempo todo, senão nada seria pensável, nem representável nem por um único momento. Nesse sentido, podemos até evocar aquilo que o Bruno perguntou ontem sobre o elemento teatral da realidade. Toda e qualquer comunicação tem um elemento teatral. Para dizer alguma coisa é preciso que o público participe das convenções de linguagem que você está usando. O que é um idioma? É um conjunto de papéis que você pode representar na comunicação. Porém, o teatro só é possível porque existe algo que não é teatro. Por exemplo, o edifício onde se representam as peças não é teatro; é um edifício mesmo. Ele não é apenas uma representação teatral de um edifício teatral. Claro que se pode também sobre o palco do teatro montar outro edifício que representa um teatro. Por exemplo, Laurence Olivier fez o filme *Henrique V* onde aparece o teatro, e Shakespeare dentro do teatro. Você tem o palco e dentro do palco um outro teatro que é o teatro do tempo de Shakespeare. Só que sabemos que esse segundo teatro não é de verdade, mas somente teatral, ao passo que o teatro onde está se representando a peça é um edifício de verdade. Todo teatro postula a

existência de algo que vai para além do mundo teatral representado, só que não se fala daquilo durante a peça. E se você fizer como Bertolt Brecht, o teatro épico, onde os autores estão a todo momento lembrando a platéia que aquilo é somente uma peça? Quando o ator faz isso, ele está remetendo a platéia à realidade? Não, ele está usando a própria realidade como mais um elemento teatral. O ator diz ser tudo apenas um fingimento, apenas uma peça. Bem, se ele dissesse isso a sério, todo mundo teria de ir embora do teatro na mesma hora. É um fingimento de realidade dentro da peça, e fingimento de segundo grau é até mais persuasivo ainda.

Lembram-se do Ronald e Golias, na Escolinha do Golias? Lá estava o Carlos Alberto de Nóbrega dando aula, e ele dá uma bronca no Golias. O Golias faz algo que não estava no script. Ele levanta e diz: “você não é professor coisa nenhuma, você é um farsante. Está vendo estes livros aí? É tudo de isopor!” Ele começa a batê-los e mostra que são mesmo de isopor. Era de isopor mesmo, aquilo não era uma escola, mas um cenário de televisão. Porém, esse apelo à realidade que transcende o espetáculo se integra no espetáculo. Ficou, de fato, a parte mais engraçada do programa. O teatro do Brecht é a mesma coisa: o autor o lembra que a peça é somente uma peça, mas nem por isso você volta para a realidade: você continua dentro do mundo teatral.

Todo teatro, e portanto, toda comunicação nos coloca dentro de uma rede de convenções que só funciona porque sabemos que existe algo que está para além da rede de convenções. Este algo, nós o sabemos sempre, mas não conseguimos pensar. É este o dado fundamental da coisa: a existência do conhecimento impensável, que tão logo é pensado, é transformado em signo e em elemento de pensamento, os quais já não são mais a realidade propriamente dita. A admissão do conhecimento impensável é um requisito fundamental para que exista qualquer conhecimento pensável. Pior: todo mundo sempre soube disso.

De algum modo, a partir do momento em que você toma consciência disto, você perde o interesse em fechar o esquema de seu conhecimento numa estrutura lógica que possa ser transmitida aos outros como se fosse a verdade. [1:00] Isso é a mesma coisa que dizer que nós nunca dizemos a verdade; nós apontamos para ela, sem dizê-la. E por que nós apontamos? Porque os outros também a conhecem. Não existe um sujeito que sabe a verdade e vai dizê-la para os outros. Não: ele sabe a verdade tanto quanto nós. No entanto, nós podemos estar dirigindo nossa atenção para outro lado e ele aponta para cá e nós reconhecemos. De outro modo, toda comunicação seria impossível. Como está [exposto] na apostila *O Problema da verdade e a verdade do problema*, a verdade é um campo dentro do qual você está. A verdade não está no pensamento. Quando Aristóteles diz que a verdade está no juízo, ele está apenas criando um critério lógico de reconhecimento, mas não está dizendo o que é o conhecimento da verdade. Mas eu estou pretendendo dizer: o conhecimento da verdade é uma coisa que todo mundo tem o tempo todo, e se não tivesse, nós não poderíamos dizer nada, a não ser que recompuséssemos mentalmente, oralmente, verbalmente a verdade inteira, mas não podemos fazer isso; podemos apenas chamar atenção para um ponto ou para outro, não de modo a dá-la a conhecer à platéia, mas para que a platéia a reconheça, ou seja, conheça de novo. Esse é o sentido efetivo da *anamnese platônica*: todo conhecer é um recordar. Ele usa a imagem de um outro mundo, de uma outra vida. Mas não precisa disso. Todo conhecimento é um reconhecimento.

Aluno: Toda a epistemologia normativa vai para o brejo?

Olavo: Vai. Na verdade, toda a epistemologia que criaram durante a modernidade não vale nada, pois toda ela só pensa as coisas do ponto de vista dos processos internos do sujeito. Mas se o conhecimento é uma relação entre sujeito e objeto, como é que se pode reconstruí-la inteirinha dentro do sujeito? Não é possível! Isso é como tentar ter relações sexuais com uma pessoa que não está lá, com uma pessoa hipotética.

Aluno: Quando há esse reconhecimento, essa admissão de que conhecer a realidade é natural no ser humano, e que sempre todos conheceram, esses elementos internos mentais não caem todos?

Olavo: Não, só caem aqueles que são contraditórios com isso; os outros não. Quando a Bíblia se refere com desprezo à sabedoria humana, é porque todo esse mundo das representações, do pensamento, tudo isso é sabedoria humana, isso tudo vale alguma coisa se estiver montado na realidade, e a realidade é a própria sabedoria divina.

Aluno: Nesse sentido, toda ignorância é uma recusa?

Olavo: Até certo ponto é, mas não quer dizer que o indivíduo esteja plenamente consciente de que está recusando. Eu acho que a raiz de toda ignorância é o medo. Aquela famosa experiência do Pascal: “a solidão desses espaços infinitos me apavora”. O que eu vou fazer? Bom, estou com medo do espaço infinito, mas já estou aqui dentro, já estou aqui desde que nasci e nada de ruim me aconteceu até agora por causa disso. Então, é melhor ficar tranquilo e confiar na amabilidade do real. Esta é uma atitude. A outra é sair correndo daqui, tendo de criar um esquema defensivo. Em cima da realidade tenho de criar um outro mundo dentro do qual eu me sinta protegido. Isto é uma experiência que todo mundo tem. Por isso eu digo que o gnosticismo não é uma doutrina, é uma dimensão da experiência humana pela qual todo mundo já passou. E como tal, é inteiramente legítima. É o senso de orfandade cósmica, por assim dizer. Não há quem não tenha sentido isso. O próprio Cristo no alto da cruz sentiu! Agora, tentar fazer disso uma doutrina é fazer de uma experiência momentânea e limitada – e que é a própria experiência da limitação – a base de uma doutrina sobre o conjunto de uma realidade. Por isso, logo no começo do seminário de filosofia, eu recomendei alguns exercícios para que as pessoas se acostumassem com o cosmos.

Ontem mesmo estava contando que, logo que me mudei para cá, na escuridão total da noite, costumava deitar-me no jardim e ficava olhando as estrelas no céu. E me dizia: “Olha, eu não estou só aqui, eu estou no meio de tudo isso. Olha o tamanho da coisa.” Ficava assim até me sentir relativamente confortável no meio daquela infinitude. [Era a experiência da] aceitação do ilimitado e a própria consciência de que o ilimitado vai para muito além daquilo que você vai enxergando. O que são essas estrelas que estou vendo? Não são nada! Tem muito mais para diante. A aceitação disso começa a instalá-lo na realidade, pois você sempre esteve ali. Normalmente nós não prestamos atenção; nós prestamos atenção apenas no horizonte espacial daquilo que nos interessa no momento. Mas [isto] é um recorte que nós fizemos; não é a realidade. Este recorte expressa não a realidade, e sim nosso interesse momentâneo. É inteiramente justo que nós também façamos isto, pois nós também temos uma forma de existência limitada, então é natural que nós limitemos o horizonte de nosso conhecimento àquilo que nos interessa. Mas não é legítimo que nós façamos isso permanentemente e sempre e que nós tomemos estes recortes como se eles fossem a realidade. Muito bem, eu fiz o recorte. Mas onde eu fiz o recorte? Qual é a parte que eu deixei para fora? Então, a experiência da ilimitação espacial é só uma possível.

Você pode deixar a sua imaginação escorrer para trás para até antes de seu nascimento. Antes que você viesse ao mundo, já acontecera um monte de coisa – seu pai e sua mãe estavam ali – isso tudo é real. Na hora em que você pensa nisso, mas sem limitar o conhecimento disso ao seu pensamento – sabendo que além daqueles detalhes que está levando em consideração existe uma quantidade infinita de outros –, você está cultivando um sentimento de realidade. Esse sentimento de realidade ainda não é a realidade. Mas o sentimento de realidade consiste em saber que você está dentro dela e que nem um sentimento, pensamento ou imaginação a abarca. Quer se livrar do kantismo? Faz esse exercício uma vez e acabou o kantismo.

Vejam que Immanuel Kant levava uma vida muito limitada e rotineira: ele fazia todos os dias as mesmas coisas, percorria as mesmas ruas e nunca saiu dali. Isso já basta para explicar a filosofia

dele. Parece aquele livro de memórias do Bob Hope, que se chama *Nunca saí de casa*. [1:10] A boa parte da filosofia moderna é isso, é “nunca saí de casa”. Às vezes o próprio fato de querer discutir com ela e até impugná-la nos prende dentro da armadilha. Nós temos o direito de rejeitar a questão, não precisamos oferecer uma resposta. É só dizer que o problema não é esse. Isso é um problema que o outro inventou, uma sarna que ele arrumou para ele mesmo se coçar. Para quê nós vamos nos coçar também? Ele é que está com sarna!

Um aluno do seminário pergunta que livros de história refletem essa tensão entre o conhecido e o ignorado. Eu acho que todos os grandes livros de história refletem isso pelo poder da sua forma narrativa, não pelo registro de documentos e fatos, pois esse registro é sempre falível, sempre incompleto. Embora o fundamento documental seja muito importante, ele não pode ser o centro da coisa. Você tem de montar o negócio com uma forma literária que tenha um valor simbólico, senão a história não adianta nada. Se a história pretende ser apenas a narrativa científica do que aconteceu, ela sempre vai falhar. Os grandes livros de história sempre têm isso desde a antiguidade. Uma vez alguém me pediu no programa *True Outspread* uma lista dos grandes livros de história e eu indiquei dez. [<http://www.youtube.com/watch?v=JHrDDtopnAc>] Eu me lembro de ter indicado o livro de Hippolyte Taine, *Origens da França Contemporânea*, o livro do Maitland, *Doomsday Book and Beyond* (o livro do dia do juízo), os livros de Modris Eksteins, todos eles, a começar pela *Sagração da Primavera*, que têm uma edição em português. Mas eu posso até fazer uma lista e colocá-la no seminário. Porém, de imediato, esses três eu acho que têm essa força. O do Eksteins é uma coisa notável sob este aspecto, porque o próprio assunto que ele está tratando é de natureza simbólica: qual seria o sentido da primeira guerra mundial tal como se reflete na cultura da época, sobretudo na arte da época. Então, o poder de evocação simbólica é enorme.

Aluno: Você acha que tem algum fundamento a distinção moderna entre ciências sociais e ciências naturais?

Olavo: Do ponto de vista funcional, tem. Mas eu vejo que tudo nas ciências sociais remete a um fundamento material que é o cenário onde as coisas acontecem. Esses dias, estudando algumas coisas para o debate com o Alexandre Duguin, tive a ocasião de ler aquele trabalho notável do Halford Mackinder sobre o pivô geográfico da história. E ali ele começa com um negócio óbvio: toda história se desenrola num cenário material que é a Terra. Então, a geografia por si mesmo, embora não possa determinar diretamente os acontecimentos, ela exerce um poder limitante, ou seja, você não faz aquilo que em seu cenário geográfico você não tem meios para fazer. E só com isso podemos tirar uma série de conclusões muitíssimo interessantes sobre a extensão do poder de ação das várias potências. E muitas das conclusões dele que depois foram elaboradas num sentido quase psicótico pelo general Karl Haushofer e uma série de outros geopolíticos mais comprometidos com determinadas potências, essas conclusões ainda são válidas e são muito interessantes.

Toda a técnica que existe é a tentativa de superar ou atenuar alguma dificuldade material. Esse jogo entre a técnica e o cenário mostra uma tensão enorme entre os dois fatores causais que eu disse, ou seja, a técnica supõe a idéia de um plano, um objetivo e, portanto, o intuito de controlar de algum modo a seqüência do que vai acontecer. Mas esta tentativa se dá dentro de um cenário que você não determina. Mesmo os fatores naturais não são conhecidos ao ponto de você poder controlá-los. Isso sem contar com a infinidade de outros fatores causais de iniciativa humana. Mesmo as intervenções técnicas mais simples esbarram numa infinidade de outros fatores que nada têm haver com a coisa. Por exemplo, você não pode fazer um equipamento qualquer que esteja livre da contingência de ter de ser transportado. O transporte pode causar danos ao ponto de que, por exemplo, na Rússia havia todo um ramo comercial que consistia no seguinte: você transportava dez máquinas, dizia que cinco tinham quebrado e as vendia no mercado negro. Mais de metade da produção era desviada nessa base. Então isso se torna um fator econômico importante: você não pode compreender a economia

rusa sem isso. Agora, o que a estrutura da máquina tem a ver com isso? Absolutamente nada. Poderia o sujeito que inventou a máquina supor que este uso seria dado para a máquina? Uma coisa nada tem haver com a outra e, no entanto, são dois fatores causais que se cruzam, que produzem um resultado que não estava na premeditação do inventor, mas estava na premeditação de outro.

Então, reconstituir qualquer acontecimento humano sempre esbarra nessas coisas. Eu gostaria de algum dia ter paciência e tempo para escrever sobre isso. [Eu queria tomar] um fato qualquer, um fato simples, e investigar o máximo desses elementos cruzados e imprevisíveis que havia ali, até o ponto em que chegássemos na diferença infinitesimal: daqui em diante, o que mais que tenha cruzado não pode ter interferido nisso de maneira essencial. Mas ainda assim seria um estudo abstrativo, e valeria pela insinuação simbólica de realidade que ele tem e não por seu acerto literal científico, por assim dizer.

A gente não pode esquecer que todo e qualquer estudo científico de uma coisa começa por isolar um fator de todo o universo concreto que o rodeia. Não há nada que esteja mais longe do fato concreto do que o estudo científico de qualquer assunto. Os cientistas têm de delimitar muito bem o objeto para eliminar todos os fatores supervenientes, alheios etc. Mas não acontece nenhum processo causal no mundo que esteja isolado. [1:20] Os processos que a ciência vai estudar são justamente aqueles que não existem. Os que existem ela não pode estudar. Ela pode até fazer uma abordagem interdisciplinar, mas quando é que vai terminar? Daí o mais mínimo assunto se transforma numa multiplicidade inabarcável.

Todos esses conhecimentos somados não valeriam nada se cada uma das pessoas envolvidas não tivessem o senso de realidade, o qual é o juiz mudo de todos os conhecimentos. Até chamá-lo “senso” de realidade é errado, pois senso é uma propriedade humana. O mais certo seria falar no contato, a presença da realidade: o conhecimento por presença. O conhecimento por presença é o que foi excluído de praticamente todo horizonte de interesse intelectual da humanidade. Eu encontrei uma referência a isso num pensador muçulmano do século IX. O sujeito usava a expressão “conhecimento por presença”, não exatamente no sentido que eu estou usando, mas quantas pessoas se interessaram por isso? Eu só encontrei esse sujeito, mais ninguém. E, no entanto, o conhecimento por presença está subentendido em tudo o que se fala. Mas todo estudo sobre o conhecimento humano foi cada vez mais se concentrando na representação subjetiva, naquilo que está no sujeito, mesmo o sujeito coletivo. Hoje há a sociologia do conhecimento, inventada por Karl Mannheim e Max Scheler, que vai mostrar quais são as estruturas culturais que delimitam o conhecimento que se tem disso ou daquilo, quais são os fatores sociológicos envolvidos no processo de conhecimento. Mesmo isso seria impossível se não houvesse conhecimento por presença. É incrível! A existência da realidade, uma realidade conhecida, que na sua estrutura geral é conhecida por todo ser humano, é a referência permanente em tudo o que se diz sobre qualquer coisa e, justamente por ser o elemento mais constante, mais presente, as pessoas se tornam insensíveis a ele e só olham sempre em outras direções. Mas esse conhecimento por presença é aonde você tem de retornar constantemente para sempre corrigir e perceber as limitações do conhecimento pensado que você tem.

Aluno: E se dois historiadores narram um mesmo conjunto de fatos desde perspectivas diferentes?

Olavo: A possibilidade mesmo de fazer a comparação supõe que você tem uma perspectiva maior que os dois. Bom, isso quer dizer que eu tenho que ser um historiador melhor que os dois? Não. Qualquer pessoa tem uma perspectiva mais ampla do que qualquer livro de história. E a referência à realidade como tal é o juiz que nos orienta nessas comparações, senão nenhuma comparação seria possível. É certamente a inteligência humana que julga, mas ela sempre vai ter de apelar a um horizonte de referência mais vasto do que aquele que está contido nas duas narrativas históricas. E o fato é que nós sempre temos um horizonte de referência mais amplo ao qual recorrer, a todo

momento nós temos isso. E recorrer a isso é uma coisa tão natural e tão óbvia que as pessoas nem reparam que estão fazendo. Se não fosse isso, qualquer influência filosófica mais potente hipnotizaria as pessoas ao ponto em que elas não conseguiriam pensar fora daquilo.

Às vezes isso acontece. O marxismo é um estado de hipnose que se espalhou por metade do mundo e até hoje tem gente que não saiu de dentro daquilo. Mas mesmo esses não estão totalmente escravizados a isso. Eu sei disso porque o marxismo muda. O marxismo tem uma história, e se observarmos bem a evolução do pensamento marxista, veremos que, no fim, ele acaba dizendo o contrário do que diz no começo, e ainda se considerando marxista. Veja o que podemos constatar ao examinar o livro de Ernesto Laclau sobre a estratégia do movimento socialista: o marxismo começa afirmando a existência das classes sociais economicamente diferenciadas e que existe uma ideologia própria a cada uma dessas classes sociais. Na evolução do pensamento marxista, o último capítulo é o tal do Ernesto Laclau que diz que o discurso de propaganda do movimento comunista *cria* a classe social de que ele precisa. E, no entanto, ele acha que é marxista! É o mesmo que a teoria da evolução: os últimos evolucionistas dizem o contrário dos primeiros e continuam afirmando ser a mesma teoria. Como é que eles puderam ir corrigindo a teoria ao ponto de invertê-la se eles nunca tivessem um horizonte mais amplo ao qual se referir? Sempre tiveram, só que ignoram o conhecimento por presença, então sempre substituirão uma perspectiva limitadora e hipnótica por outra também limitadora e hipnótica. Isso acontece na evolução de todas as escolas filosóficas.

O kantismo é a mesma coisa. No Brasil tem o eminente pensador kantiano que é o Miguel Reale, que diz que as formas a priori existem, mas elas não são fixas, elas têm uma história. Ele não percebe que estourou o kantismo na mesma hora, apesar de achar que é um discípulo de Kant. Se as formas a priori têm uma história, então é uma história objetiva que as determina e cuja forma, portanto, não são elas que determinam: então já não são mais formas a priori, são formas empíricas.

Dentro do horizonte limitado de uma escola filosófica em particular que pode exercer um poder hipnótico sobre seus discípulos, a escravidão mental não é total, senão nada se aproveitaria do que essas pessoas escreveram, e sempre se aproveita alguma coisa. Sempre se aproveita porque se você tem a referência ao conhecimento por presença, qualquer observação por mais mínima que seja pode ser valiosa para você. Você está aberto para a verdade, não importando a origem dela.

Notem bem, o conhecimento por presença é um elemento essencial não só da estrutura humana, mas da normalidade humana. Qualquer indivíduo que fosse desprovido do conhecimento por presença estaria automaticamente aprisionado dentro de um edifício de pensamentos que só enxergaria o que é coerente com aquilo. Notem bem: isso nunca acontece. Quando Karl Marx ouviu um de seus discípulos fazer uma exposição e saiu dali dizendo “eu não sou marxista”, era disso que ele estava falando. Ele percebeu algo que não poderia ter sido percebido desde as premissas de sua filosofia e ele estava contando com isso, ao passo que o seu discípulo tomou a filosofia dele como se fosse o horizonte último.

Mesmo os sacerdotes mais crentes de um culto filosófico qualquer, mesmo eles não estão totalmente limitados pela sua própria filosofia. E é uma pena que não percebem e não elaborem isso com mais frequência. De qualquer modo, o conhecimento por presença continua funcionando o tempo todo. [1:30]

As discussões públicas estão limitadas a um círculo pequeniníssimo de idéias e só se repete a mesma coisa. Quando o ouvinte, a platéia, o público recebe aquilo, ele só recebe uma influência parcial. Ninguém acredita totalmente naquelas coisas. Quando começam a acreditar, começam a dizer besteira uma atrás da outra e isso se torna ridículo. Todo sujeito que acredita demais naquilo em que ele acredita, ele acredita mais no conteúdo de suas idéias do que naquilo que está vendo.

Fica ridículo desde o ponto de vista dos outros embora ele possa achar que esteja fazendo uma grande coisa.

Hoje eu li um artigo formidável de uma mulher que dizia que as pessoas criticam o Obama porque ele gagueja, pára, hesita, e se atrapalha ao fazer discursos, e dizem que por isso ele é burro. Mas a [articulista diz que] é o contrário: é que ele tem uma inteligência demasiado veloz para o poder da palavra humana. Bom, aí a crença nas virtudes do Obama chegou ao cúmulo. Ela acredita mais no Obama do que ele próprio. O Obama sabe que ele é um idiota; ela não sabe. Então fica ridículo do ponto de vista dos outros. Mas será que ela acredita mesmo nisso? Não, ela não acredita, ela não sabe se é assim. Os fatos e documentos provam que não é assim. Se você pegar aqueles cinco trabalhos universitários do Obama dos poucos que conseguiram descobrir, vê-se que o cara é analfabeto mesmo. Na expressão escrita ele é tão ruim quanto na expressão oral, ou até pior. Supor que um sujeito tem uma inteligência tão veloz que a palavra humana não pode acompanhar, essa suposição vale no fim das contas para todos os seres humanos. Todos nós sabemos muito mais coisas do que podemos dizer. Nessa bobagem que essa mulher escreveu, existe uma referência remota ao conhecimento por presença. É claro que o Obama sabe muito mais coisas do que consegue dizer, aliás, todos nós, até Willian Shakespeare, Aristóteles ou Platão, mesmo o maior gênio da humanidade sabe mais coisas do que consegue dizer. Então esta afirmativa é válida para qualquer pessoa, mas não naquele sentido específico e pessoal de que o Obama tem isso e nós não temos. O Obama tem e nós também temos, e justamente por causa disso percebemos que ele é um idiota.

O poder hipnótico das idéias e sistemas filosóficos é uma coisa incrível, mas nunca é total e onipotente. Um dos edifícios doutrinários mais desenvolvidos que existem é o marxismo, mas eu não encontro um único autor marxista que não consiga perceber coisas que não estão dentro do marxismo. Eles sempre percebem algo, ainda que depois ele tente empacotar aquilo dentro do marxismo. A inteligência humana sempre opera num jogo, numa tensão entre o fechado e o aberto, entre o universo das idéias e o senso de realidade ou conhecimento por presença. O que falta às vezes é a consciência de que esse processo existe e de que, portanto, o universo das idéias não precisa ser elaborado ao ponto de fechar num esquema que se imponha aos outros como verdade definitiva, pois mesmo que ele tente fazer, não vai conseguir.

Esse poder limitante tem mais impacto sobre a opinião pública considerada abstrata e genericamente do que sobre os indivíduos reais. A opinião pública consiste daquilo que as pessoas conseguiram dizer sobre o mesmo assunto mais ou menos na mesma linguagem, não naquilo que eles realmente estão percebendo. É como se disséssemos que a opinião pública não existe concretamente falando. Ela é um sistema de cacoetes verbais do qual as pessoas só participam certos momentos do dia, no momento em que estão falando sobre aquilo ou no momento que estão assistindo a um noticiário de televisão. No restante do tempo, elas continuam vivendo normalmente. E se acontece de uma determinada doutrina adquirir o poder político e se impor sobre uma sociedade, automaticamente ela cria formas de marginalidade, ou seja, pessoas que não conseguem se enquadrar dentro daquilo. Não é que elas não querem, não é que elas são contra, simplesmente a vida mesma as arrasta para fora daquilo. Isso aconteceu, por exemplo, na Rússia, onde gerações inteiras foram atiradas para a marginalidade ou banditismo simplesmente porque não conseguiam viver dentro do universo das crenças oficiais. Eles não conseguiam acreditar naquilo, não conseguiam levar aquilo a sério. Não que tivessem uma contestação explícita, que é coisa de intelectual.

Outro dia li um depoimento de um grande delinqüente russo, um assassino que matou 37 pessoas. Ele conta que logo que começou a entrar na delinqüência, experimentava um sentimento de poder e de júbilo e de liberdade ilimitada. Bom, esse sentimento é completamente incompatível com a noção marxista da sociedade. O indivíduo estava agindo muito acima do poder de sua classe social

pelo simples fato de ser um delinqüente. Aí não adianta tentar tratar os delinqüentes também como se fossem uma classe social, pois eles mesmos estão pouco se lixando para isso. A posição do delinqüente na sociedade é uma posição que ele determina. “Em que classe social você está?” “Naquela em que quiser!” Então, o elemento classe social se torna automaticamente neutralizado por outro elemento filosófico que nós podemos chamar “a vontade de poder”: o indivíduo é mais determinado pela vontade de poder do que pela sua posição na sociedade, embora alguma posição ele efetivamente tenha. É a própria vida que acaba estourando o edifício ideológico.

Muitas vezes, as pessoas me escrevem que seus professores dizem certas coisas e que elas não têm argumentos para rebatê-los. Bom, não têm argumentos, mas como é que sabem que os professores estão errados? Elas estão percebendo a realidade; só não souberam elaborar isso em forma de pensamento e verbalização, mas estão na realidade e os professores no mundo da lua, ainda que eles saibam falar melhor do que elas. E muitas vezes esta passagem da percepção muda à verbalização, ela falha, porque todo processo de verbalização que o sujeito conhece é exatamente o daquela idéia que está querendo impugnar. Então, o sujeito é escravo de um sistema verbal que não convém a ele. Como é que você sai disso? Você vai ter de ler um bocado de coisa, adquirir um bocado de cultura, adquirir uma linguagem própria. Não adianta eu lhe dar um argumento. Se eu lhe forneço um argumento para você contestar uma coisa, isso não resolverá o problema, pois aquela idéia que o repugna não o está atacando por uma só linha de desenvolvimento lógico possível; a coisa vem por vários lados. [1:40] Então, só tem um jeito: você tem de saber muito mais do que o seu professor, você tem de adquirir cultura de verdade e adquirir um modo de expressão.

Aluno: Olavo, isso sugere que a educação tem de ser feita em bloco.

Olavo: Como assim em bloco?

Aluno: Ao refutar um argumento, nós não lidamos apenas com um assunto só da história, ou só da sociologia ou filosofia...

Olavo: Não. O senso de realidade por si mesmo é multilateral. Ele não se subdivide em especialidades. E se nós não temos alguma linguagem de tipo geral para falar desde o nosso senso de realidade, então nós caímos dentro dos vocabulários específicos das várias ciências, ou das várias escolas de pensamento, ou das várias ideologias. É por isso que eu acredito que só é possível dizer algo que valha – que tenha valor de realidade – numa linguagem estritamente pessoal. À hora que você codificou a linguagem – a comunicação de uma determinada área do conhecimento num vocabulário técnico que só vale para aqueles profissionais –, você disse adeus à realidade para sempre, pois a própria coincidência, a própria adequação de sua linguagem à linguagem do grupo profissional dá para você uma outra impressão de realidade, uma verossimilhança, criada por um negócio chamado *consenso*. Como conseguem falar na mesma língua, você e seus pares se confirmam uns aos outros, e criam então uma rede de falsas impressões. Agora, se por outro lado não há o domínio desse jargão daquela comunidade, você não tem como se opor a ele. Portanto, é preciso dominar o jargão e ir infinitamente além dele. Se eu posso esculhambar esses cientistas sociais, é claro que eu sou capaz de escrever como eles. Eu sou capaz de escrever como um sociólogo da USP igualzinho, sou capaz de imitá-lo totalmente, mas não faço isso porque acho perda de tempo. É preciso tem de ter o jargão e ter muito mais que o jargão, você tem de ter uma linguagem pessoal que corresponda ao ponto de vista real que você está lançando sobre a realidade: é o problema de descobrir a sua própria voz. É personalizar a sua linguagem. É melhor que você tenha uma linguagem imperfeita e às vezes até contraditória e toda quebradiça, mas que seja sua. Qual é a prática para isso? É a confissão: você vai falar com Deus e acaba aprendendo a falar na sua própria voz.

Aluno: Educação tem um elemento, então, biográfico?

Olavo: Tem. Mas note bem, eu não acredito muito em educação. “Aqui nós vamos aplicar umas técnicas educacionais...” Eu não acredito nisso. Não acredito em técnicas educacionais, pois toda educação será sempre fragmentária: você vai ensinar uma coisa ou outra. Não se pode ensinar tudo, dizer: “ah, nós vamos aqui desenvolver o ser humano completo”. Faz-me rir! Só a realidade pode desenvolver um ser humano completo. O educador não pode substituir a realidade. O que você vai dar é um elemento aqui e outro ali e esperar que o sujeito se saia bem. O que falta para a educação não é uma técnica melhor, não é conhecer melhor o ser humano; não: o que falta é mais modéstia. O primeiro elemento de modéstia é o seguinte: eu estou ensinando para você um negócio com que não tenho a menor idéia do que você vai fazer, e eu não posso controlar, pois por mais que lhe tenha dado a educação mais estrita e organizada, um dia você sai da escola. Havia um educador espanhol que dizia que a educação é uma arte de resultados imprevisíveis.

O que hoje em dia se chama educação é uma tentativa de previsibilidade máxima, ou seja, tentar moldar o sujeito de tal maneira que se possa prever a conduta dele pelos próximos vinte ou trinta anos. Isso é uma monstruosidade! Mesmo que você faça a educação mais bem intencionada do mundo – por exemplo, uma educação baseada em valores cristãos –, se você faz isso, já está deformando o cara desde o início. Eu acho que a educação tem de ser exatamente no sentido contrário: ela não é para abarcar um ser humano, não é educação integral para abarcar o ser humano inteiro. Como é que eu poderia fazer isso? O ser humano, em primeiro lugar, já está inteiro: eu não preciso formar a alma dele inteira; ele já tem alma e ela já é inteira. O que eu posso é dar um elemento aqui e ali que lhe dará reforço e ajuda. Isso é o máximo que se pode fazer. O educador não forma as pessoas; ele apenas ajuda as pessoas. Agora, quantos educadores entendem isso? Todos querem formar pessoas à sua imagem e semelhança. Se você reconhece que as pessoas podem ser conhecidas mas não podem ser pensadas, ou seja, não podem ser abarcadas numa representação, então você entende que não pode formá-las. Agora, essa preocupação universal com a formação do ser humano, para mim tudo isso é uma monstruosidade. Eu não estou aqui formando ninguém; eu estou dando umas dicas. E olhe lá: fazer isso já é uma grande coisa.

Aluno: Professor, o senhor falava que a engenharia social consegue mudar em vinte anos a situação da sociedade. Eu estive reparando [...] foi criado aqui nos Estados Unidos com a figura do presidente negro. Aí, quando aparece o candidato Obama, parece que todo mundo...

Olavo: Claro, responde a uma atmosfera que está preparada para isso. Na verdade, quem teve a idéia de um presidente negro foi um brasileiro. O primeiro que falou sobre um presidente negro foi Monteiro Lobato. O livro se chama *O Presidente Negro*. A história se passa nos Estados Unidos. Eles elegem um presidente negro e dá uma confusão dos diabos. Mas, a partir dos anos 50, a atmosfera começou a ser preparada para isto. Não é que vai haver um presidente negro: é que vocês têm a obrigação de eleger um presidente negro como reparação pelos males que fizeram. Se virmos bem, não fizeram mal nenhum. Há um livro autor negro, cujo nome não me recordo no momento, que foi para a África estudá-la, e ele disse: “Meu Deus do Céu! Os meus antepassados tiveram uma sorte danada de terem sido levados para a América, porque lá nós só progredimos, enquanto aqui estes caras estão na pior!”. E você considera isso um malefício? Os malefícios que os caras sofreram são inerentes não à América, porém à escravidão em geral. E onde a situação de escravidão era mais branda? Na América. O maior traficante de escravos no mundo foram os países islâmicos. Segundo, o Brasil. O único que pôde competir com os muçulmanos em quantidade de escravos foi o Brasil. Mas mesmo ir para o Brasil era melhor do que ficar na África.

Aluno: Mas a dúvida é justamente essa: se no próximo processo eleitoral, o Obama for reeleito...

Olavo: Se o Obama for reeleito, a América merece acabar. Se fizerem a mesma burrada duas vezes, é para desistir. [Isto significaria que] eles se brasilianizaram completamente. No Brasil, já

aprenderam a fazer sempre tudo errado, sempre. É um negócio sistêmico; não é que eles fazem um erro aqui e outro ali. Nos Estados Unidos ainda não: às vezes erram, às vezes acertam, como é próprio do ser humano. Mas, no Brasil, você não vê uma pessoa que sugira para qualquer coisa uma solução que não piore o problema.

Aluno: Se houver alguma conexão entre o Obama e o metacapitalismo global, o serviço que ele tinha de fazer já está feito. Se ele também não for eleito, não existe...

Olavo: Eu não sei. [1:50] Ele poderia prestar mais serviços para essa gente, poderia continuar fazendo desgraças. Mas se eles virem que vai sair muito caro, eles desistem do Obama. Não chegou a esse ponto ainda, mas é notável que a defesa, a apologia do Obama que é feita pela militância obamista na mídia já começou a apelar para o absurdo, o que é um sinal de fraqueza. Por exemplo, leia os comentários sobre o artigo dessa mulher que escreve sobre a inteligência do Obama, e você verá que está todo mundo rindo. A propaganda está funcionando ao contrário. O intuito propagandístico está evidente demais. Eu acho que os caras não vão querer investir no Obama de novo. Mas aí há uma queda de braço: por um lado, existe a sociedade americana tal como ela se constituiu ao longo da história, com suas tradições; por outro lado, existe o poder da engenharia social. Há um confronto entre essas duas coisas. A engenharia social não é onipotente. Sobretudo, alguns efeitos que ela consegue produzir são auto-contraditórios e se neutralizam a si próprios. Eu não acredito em “poder secreto!”, tal como diz Armindo Abreu. Eu acredito que existe a ambição secreta e que para ela se transformar em poder, você vai ter de se haver com a estrutura da realidade. Às vezes, você vai acertar, às vezes errar e na Bíblia tem a profecia que diz: “no fim, a loucura deles será exposta aos olhos de todos”. Mas se observarmos o número dos projetos desastrosos em que este pessoal globalista se envolveu ao longo do tempo, constatamos que eles tiveram mais fracassos que sucessos.

Também não se pode esquecer que o globalismo atualmente já provoca reações nacionalistas exacerbadas. Hoje em dia, o Duguin pode expressar doutrinas nacionalistas que são quase nazistas. Se ele fizesse isso trinta anos atrás, todo mundo ficaria escandalizado. Agora já não ficam mais. Isso é um efeito colateral do globalismo, ou seja, a tendência de unificar tudo provoca reações e essas reações se tornam cada vez mais radicais à medida que o tempo passa. Então, ninguém tem o controle sobre o processo histórico. Eu digo apenas que os meios de desencadear certas seqüências de transformações e, portanto, de dar ao curso das coisas um sentido deliberado aumentaram. Mas uma coisa que me pergunto e que não sei ainda é: será que, ao mesmo tempo em que condensam e aumentam esses meios de planejamento, não aumentam na mesma proporção os fatores caóticos? Eu não sei a resposta disso, mas é uma pergunta que atualmente me interessa muito. Quanto mais você controla o processo, mais aparecem forças causais que você não controla, criadas pela própria tentativa de dominar o curso das coisas.

Aluno: Mas isso o senhor está colocando isso como fatos ou [...]?

Olavo: Não, eu faço essa pergunta e não sei a resposta. Eu gostaria de descobrir isso. Às vezes, parece que sim; às vezes, parece que não. É a questão dos limites do poder humano de moldar os acontecimentos. Em última análise, é o grande problema da técnica: toda técnica é uma tentativa de articular racionalmente um processo causal para obter um resultado premeditado. Então, qual é a margem do sucesso da técnica? A gente, na verdade, não sabe disso. O que se sabe com certeza é que, por exemplo, na questão da medicina: ela é uma técnica teoricamente destinada a defender a saúde humana, mas aqui nos Estados Unidos, morrem mais pessoas por efeitos de erros médicos do que por qualquer doença que exista. Bom, qual foi a eficácia da técnica? É muito duvidosa.

Aluno: Isso dependeria do grau de uso da técnica ou [...] ?

Olavo: Não sei do que depende. É uma questão que estou me colocando agora e que gostaria de investigar, mas não tive tempo para isso ainda. Mas vocês percebem que nossa compreensão do processo histórico depende muito da resposta a essa questão. Os grandes projetos de sociedade planejada que foram iniciados no começo do século XX – o socialismo e o fascismo – terminaram num caos inabarcável. Por outro lado, esse caos pode ser reaproveitado pelo próprio movimento revolucionário. Se der resultado inverso, ótimo, então farão mais bagunça e assumirão o caos como se fosse parte do processo e tentar, então, abarcá-lo.

Hoje em dia as pessoas estão fazendo isso, efetivamente. Quando aparecem todas estas reivindicações culturais modernas onde o movimento revolucionário abandona o discurso econômico-social e começa o discurso do prazer, da sexualidade, das drogas etc., já é isto. Todo aquele edifício teórico do movimento revolucionário foi para as cucuias, mas apareceram outros fatores completamente irracionais que podem ser aproveitados também. Eu acho que esse mecanismo faz parte da natureza do movimento revolucionário: mudar de discurso cento e oitenta graus e afirmar sua continuidade precisamente por esses meios. Na medida em que a inversão faz parte da natureza da mentalidade revolucionária, não há nada de espantoso em que, quando um sujeito obtenha o resultado precisamente inverso do que ele prometia, ele comece a contar vantagem precisamente por isso.

Aluno: Historicamente nós temos exemplos [...] um caminho inverso. Nós temos exemplos de inversos de inversos.

Olavo: Sim. A inversão subentende a inversão da inversão. Sempre vai acontecer isso. Uma vez dei um curso sobre a história das estratégias do movimento comunista. A primeira estratégia foi a da *Primeira Internacional*, que consistia na organização do proletariado industrial para a destruição do capitalismo. Esse foi o primeiro capítulo. Capítulo dois: veio a revolução na Rússia que não arregimentou proletário algum (porque não havia proletário) e decidiu apelar para um meio de ação militar em nome de um proletariado virtual, ou seja, a revolução iria *criar* o proletariado. Depois, veio a revolução chinesa que era baseada no campesinato. O campesinato, segundo Karl Marx, era a classe mais reacionária que existia. Então, a revolução seria realizada pelo proletariado industrial nas cidades contra o campesinato. Mao Tsé-Tung disse que não: fariam a revolução camponesa. Isso é inversão a todo momento. O único fator contínuo é “nós temos de estar no poder”. Então, não há uma unidade teórica nem estratégica; há apenas a unidade da ambição grupal. [2:00]

Aluno: Todos esses processos vão para o buraco.

Olavo: Sim, todos esses processos vão para o buraco. Podem obter um fracasso, mas o fracasso pode ser um sucesso.

Aluno: Tem como prever...

Olavo: Não. O que você pode prever é o seguinte: aconteça o que acontecer eles vão tirar vantagem disso: se for preciso modificar todo o discurso, toda a teoria, vão fazer isso mil vezes. E o observador despreparado, o indivíduo que está apenas treinado em idéias liberais nunca vai entender isso. Por exemplo, quantas pessoas não acham que o movimento revolucionário pode ser debilitado pelas suas divisões internas? Ele não pode ser debilitado pelas suas divisões internas porque ele consiste em divisões internas. Como é que Karl Marx tomou o poder na *Primeira Internacional*? Boicotando a quase totalidade dos membros. A coisa começa de uma maneira conflitiva. Quando houve unidade doutrinal no Marxismo? Nem um único dia. Você está aqui pregando uma doutrina, mas você já tem outra debaixo da manga para tirar no caso da primeira falhar. Então é vencer “*per fas et per nefas*”: se não for de um jeito será do jeito contrário. Agora, o observador liberal que acha que apontando incoerências no discurso revolucionário o está debilitando, ele não está entendendo

absolutamente nada! O movimento revolucionário jamais apostou na coerência doutrinal; ele apostou na confusão, no caos. Você não vê uma geração de revolucionários que não suba criticando a anterior, mesmo quando a crítica respeitosamente.

Não há nada mais inerente ao movimento revolucionário do que a auto-crítica: estão fazendo a auto-crítica o tempo todo. Eles não ficam apegados a uma fórmula doutrinal explícita nem se comprometem com suas próprias teorias. Eles podem trocar de teoria como alguém que troca de cueca, porque a teoria é apenas um discurso ideológico. O discurso ideológico é uma auto-justificação. Os projetos que aparecem como os mais contrários às vezes são o mesmo projeto. O que é o Império Eurasiano que estão propondo agora? “É o império cristão da Santa Rússia que vai restaurar a hierarquia e a tradição no mundo etc.”. Stálin já tinha um projeto idêntico. E pior: quem são as pessoas que estão promovendo agora esse projeto? São as mesmas que estavam lá desde o tempo de Stálin: são as mesmas pessoas fazendo as mesmas coisas, só mudou o pretexto. Amanhã pode mudar o pretexto de novo, se for o caso.

A história do movimento revolucionário é a história da sacanagem universal, a história da vigarice em nível patológico. Os caras não conseguem parar com isso. Eles trocam de identidade. São criaturas camaleônicas e por isso mesmo desorientam o homem de pensamento liberal que acredita na ação racional segundo fins: “aqui temos um plano e agimos coerentemente”. Eles pensam em termos da técnica. Toda técnica funciona dessa maneira. Porém, o movimento revolucionário não funciona como uma técnica, mas como uma pluralidade de técnicas auto-contraditórias onde o único elemento constante é o seguinte: “quem manda somos nós”. Eu nunca conheci um único militante revolucionário que dissesse que, uma vez implantado o socialismo, ele iria para casa para ser um cidadão comum e um trabalhador. Não! Todos querem estar na liderança, querem ser membros da *nomenklatura*. Esse é o ponto constante: haja o que houver, eles vão estar lá em cima.

Aluno: [...] eles se beneficiam do caos?

Olavo: O caos [acontece] exatamente quando um discurso ideológico falhou e se apela para o discurso contrário, ou seja, você fez um plano e, em vez de produzir resultados coerentes, o plano produziu o caos. Ótimo! O caos é um caldo de cultura revolucionária, pois o caos força a mudança. O caos é uma espécie de mudança permanente.

Aluno: É uma maneira de enfraquecimento, assim como a teoria de Kant, por exemplo

Olavo: Claro. Isso debilita a humanidade a ponto de idiotizar os caras que estão metidos nisso e os inimigos também. O Brasil é uma espécie de laboratório onde se pode estudar isso porque, no Brasil, a mentalidade revolucionária se tornou universal, não tem ninguém que não participe dela. Todos foram infectados, não tem uma pessoa que consiga sair um minuto do universo verbal e imaginário do movimento revolucionário e pensar de outra maneira. Vemos que, após algumas décadas, o nível de consciência e de inteligência baixou a um ponto animalesco.

Agora, os maus resultados obtidos se tornam em bons resultados, pois eles não servem para aquele objetivo que foi proposto de início, mas servem para um segundo objetivo que pode ser muito mais importante. Por exemplo, a educação foi destruída e as crianças estão todas burras, tiram os últimos lugares etc. Então, a educação não serve para formar profissionais, técnicos etc, mas pode servir para formar uma massa idiota de militantes ou de pessoas passivas que aceitam qualquer porcaria. Isto também é bom para os objetivos deles. Tudo serve. E é justamente esse caráter caótico e auto-contraditório do movimento revolucionário que o pessoal liberal não pode entender de maneira alguma.

Aluno: [...] do Festinger.

Olavo: A estimulação contraditória, sim. A estimulação contraditória é um dos elementos mais constantes do movimento revolucionário, pois criticar e atacar seus inimigos mediante acusações que se contradizem. Se elas se contradizem, é ótimo, pois uma das duas irá pegar, ou as duas talvez: você consegue deixar o povo numa situação tão caótica que ele acredita que o cara fez e não fez, e o odeia pelos dois motivos.

Aluno: O livro New Lies for Old de Golytsin fala sobre a eficácia da desinformação do bloco comunista. A eficácia não é também uma marca do movimento revolucionário?

Olavo: Sim, se você entender por eficácia o aproveitamento sistemático do fracasso. Não se pode dizer que o esquema que o Golytsin escreve deu certo, pois a própria Rússia se transformou de tal maneira que não tem mais jeito de restaurar o movimento comunista em si. Tiveram de trocar por um outro projeto. São as mesmas pessoas e elas querem ganhar do mesmo modo, mas precisaram inventar um pretexto contrário.

Aluno: Mas eles [...] para se manterem no poder...

Olavo: Sim. Se o sujeito está disposto a fazer tudo para se manter no poder e adquirir mais poder, isso ele consegue. Agora, isso é uma espécie de máquina de desentortar banana e não serve para nada, não resulta em benefício para ninguém, e mesmo os caras que estão no poder estão apavorados o tempo todo. É uma estrutura infernal! A descrição que o Zinoviev oferece da estrutura do poder da sociedade soviética, aquilo é o inferno: é um lugar onde ninguém tem sossego, está todo mundo com medo o tempo todo e a possibilidade de entender o que está se passando é nula. Ninguém pode entender. [2:10] O Zinoviev pode, mas a descrição que ele oferece é realmente a de um hospício. Quando observamos o planejamento da economia soviética, o plano é o supra-sumo da racionalidade. Agora, na economia planejada, você não tinha sequer estatísticas confiáveis, elas eram todas inventadas para fins de propaganda. Bem, você inventa estatísticas de propaganda para fins de enganar os outros, mas você tem de ter a informação real. Mas no caso a mentira foi tanta que não havia outras estatísticas reais sobre as quais se basear por trás da estatística falsa, só havia a estatística falsa. Então onde está o plano? Não tem plano algum. Então, a economia soviética era um caos. Eles falam de “anarquia do mercado”. Ora, o mercado mais anárquico do tem mais ordem e racionalidade do que a economia soviética, pois ao menos você sabe o que está se passando. Às vezes, não se pode prever certas coisas. Não se sabe se o mercado vai subir ou descer, mas se sabe quanto valem as ações hoje. Na União Soviética, não tinha nem isso. Os caras não sabiam quanto produziam. Eles criaram realmente um hospício.

Aluno: [...] a estimulação contraditória é um dos elementos mais importantes para o [...].

Olavo: Dentro da mentalidade revolucionária, a estimulação contraditória é uma necessidade absoluta.

Aluno: [...] coerência interna [...]

Olavo: Ela não tem coerência interna e não precisa ter. Agora, por trás de tudo, existe uma tecnologia do poder que não funciona dialeticamente, não funciona por estimulação contraditória, mas funciona por lógica, por técnica. É só isto que existe: é uma técnica de “como é que eu vou ficar em cima dos outros”.

Aluno: [...] é essencial ou é apenas um dos elementos?

Olavo: Ela é essencial porque decorre do próprio princípio da inversão. O movimento revolucionário é uma inversão. É uma inversão da sequência causal, em primeiro lugar, quando um estado de um futuro hipotético se torna a explicação de tudo o que veio antes. Já começou com a inversão. Para tocar uma coisa dessas adiante, é preciso apelar sempre novas inversões.

Aluno: [...] Nesse caso, o conceito de inversão é mais abrangente que o de estimulação contraditória [...]

Olavo: Não. De certo modo, a mentalidade revolucionária já é uma estimulação contraditória desde o início. Se a explicação do passado está no futuro e eu mesmo tenho de lutar para chegar a esse futuro, eu já estou fazendo duas coisas inversas desde o início. Se já aceitei isso, entrei num hospício, peguei sua carteirinha de interno.

Aluno: [...] Karl Popper fez uma leitura de Platão baseado na República, dizendo que ali já existiam elementos de totalitarismo [...]

Olavo: Popper nunca estudou Platão, não sabe nada de Platão e está cem por cento errado e é melhor esquecer este livro. Primeiro, ele não sabia ler grego. Ele não percebe quando uma frase é dita em modo reto e quando é dita em modo irônico: ele torna tudo chapado. Segundo, ele não conhece sequer o texto, ele cita o texto errado. E, terceiro, ele parte do princípio de que a *República* era um plano a ser executado, quando na parte final da *República* já está dito que o plano vai dar errado. Então, temos de entender a *República* como um estudo hipotético para a criação de critérios de avaliação da realidade. “Vamos fazer uma hipótese e levá-la até as últimas consequências para vermos o que acontece”. É um exercício dialético em torno de uma hipótese. Não é um plano, não se destina a ser executado, não é uma proposta utópica, não é isto.

Aluno: Mas o fato de ter se tornado escravo [...] Platão [...]

Olavo: Sim, precisamente, mas porque ele aprendeu alguma coisa com isso, e algo do que ele aprendeu...

Aluno: Sim, mas no momento em que ele escreveu, ele talvez ele acreditasse...

Olavo: Não, já não acreditava mais. Platão teve uma intensa atividade política no início de sua carreira e só teve desilusões. Depois, quando chamado a aconselhar esse sujeito numa cidade vizinha, também se deu mal. Então, a *República* é em grande parte uma meditação sobre o fracasso da política em geral, porque ele mostra que mesmo que você conceba a sociedade mais perfeita, mais funcional, vai dar errado. A *República* é a anti-utopia.

Aluno: Quando ele fala que o filósofo, que a classe dominante deveria [...]

Olavo: E mesmo que isso seja feito, vai dar tudo errado, porque isto não está na natureza das coisas.

Aluno: Sim, mas é isso que eu estou...

Olavo: Não é que ele está propondo “nós filósofos temos de tomar o poder e governar”; ele diz “o ideal seria isto, mas se fizer isto, vai dar errado”. A *República* é um estudo sobre a impossibilidade da sociedade perfeita. Platão tem ali a doutrina dos ciclos, as várias formas de governos que se sucedem, terminando sempre no pior. Basta isso para ver que aquilo não é uma utopia, pois em princípio a utopia é uma sociedade perfeita que será montada e ela vai ficar eterna, ela vai se subtrair ao processo histórico. E justamente a característica do ideal revolucionário é isso: a mutação total da realidade, o outro mundo possível, ou como diz Antonio Gramsci: “tudo será mais

belo”. Isto é inerente. Trotsky dizia que, no socialismo, qualquer varredor de rua será um novo Michelangelo. Platão dizia que essas coisas simplesmente não acontecem, porque a sucessão das formas de governo obedece a uma lei cíclica: elas duram um tempo e depois são substituídas por outras e termina sempre no pior. E se tudo for restaurado, tudo vai ficar bonitinho de novo, mas vai para a decadência do mesmo modo.

O Eric Voegelin tem um estudo sobre o livro do Karl Popper e diz que esse livro é uma vergonha, nenhum estudioso pode escrever uma coisa dessas. Karl Popper é um amador, ele não entende nada, dá para jogar fora o livro. Agora, o livro fez sucesso por causa desse pessoal liberal. É um livro que combina com as idéias liberais, que são sempre idéias doutrinárias que pensam em termos de modelos de sociedade, com modelos ruins e bons. É um pensamento totalmente abstrativo, formal, que não tem sequer noção da dialética, não tem senso da história, não tem nada. São pessoas que defendem ideais e querem a sociedade a seu modo. Naturalmente, são contra tudo o que é oposto a isso. Isto está num ensaio num dos volumes das obras completas do Voegelin, é só procurar o nome do Popper no índice analítico.

Aluno: Mário Ferreira dos Santos disse nos anos 50 que Popper adulterou os textos. [2:20]

Olavo: Eu não sabia disto! Popper é um pobre coitado. Esqueçam-no. Esse pessoal liberal sempre pensa em termos de ideais. Na verdade, estão confundindo o que é ciência social com o que é propaganda política. Eles sempre estão apresentando programas de ação. Eu não conheço um único liberal que esteja interessado num treco chamado “realidade”. Eles só pensam em ideais e doutrinas. Havia pessoas liberais no Brasil que sempre me diziam: “você tem de escrever um livro doutrinário”. Aí está uma coisa que eu nunca vou fazer. Eu acho que isso é fazer buraco na água. “O que você acha o certo para a sociedade?” Ah, é? Então, eu digo o que é o certo e as pessoas vão fazer a sociedade tal como eu a concebi? Agora, quantas pessoas no Brasil não têm projeto de sociedade, projeto de constituição? Tudo isso é o pensamento liberal que vive na esfera dos ideais. O que o Popper está fazendo ali é contrastar dois modelos ideais de sociedade: a sociedade totalitária e a sociedade aberta. Mas isso só existe como modelo.

Aluno: O site do [...] está cheio de referências ao Popper.

Olavo: Eles adoram Karl Popper.

Aluno: qual é nesse sentido a diferença entre a leitura conservadora e a liberal?

Olavo: Não sei. Muitos conservadores raciocinam como liberais também.

Aluno: [...]

Olavo: Claro. Quando falo em “liberal”, não estou usando essa palavra só em sentido restritivo, estou falando de toda essa corrente enorme de pensamentos que acredita em democracia, liberdade, direitos humanos, economia de mercado, todo mundo que acredita nisto estou chamando de liberal, inclusive os conservadores. Às vezes, o conservador, por ter uma mentalidade mais religiosa, ele desconfia que existem dimensões mais profundas da realidade.

Aluno: Segundo vimos numa aula durante a semana, nossa ação simultaneamente se passa no percurso temporal e na eternidade, toda ação humana que se [...] de não transitoriedade, ou por outra, toda ação humana só pode ser tomada no sentido de transitoriedade, pois ela vai acabar...

Olavo: É claro, pois se perdemos esta dimensão, estamos fora da estrutura da realidade. A estrutura da realidade determina, primeiro: que nós fomos criados por um decreto irrevogável, nós

começamos mas não terminamos. Segundo, você morre: toda a sua ação que se desenrola nessa faixa da realidade é um negócio evanescente e transitório que não vai terminar em nada, só interessando aquelas ações que têm uma repercussão eterna, que significam algo na eternidade, ou seja, se não significa nada na eternidade, não significa em parte alguma. A dimensão temporal está para a dimensão eterna como a linha está para o plano ou para o espaço: é apenas uma seqüência, uma imagem, é um estreitamento das possibilidades. Na narrativa do menino que foi para o céu, lá ele via fatos que na dimensão temporal jamais poderiam coexistir, e que lá estavam todos ao mesmo tempo: ele encontrou o avô que nunca conhecera, a irmãzinha que nunca conhecera. O avô e a irmãzinha tinham morrido antes dele nascer, e, no entanto, estavam lá. Imaginem que a grade de possibilidades do plano eterno é infinitamente maior que a daqui. O fato é o seguinte: nós vivemos para a eternidade. Isso não é uma doutrina ou fé, é a estrutura da realidade mesma.

Claro que lembrar que vai morrer, mesmo não pensando em eternidade, já coloca o sujeito num plano de realidade mais firme do que evitar o assunto da morte, não querendo falar sobre essas coisas. O Meira Penna dizia que do preconceito contra o sexo passamos ao preconceito contra a morte: agora [falar de] sexo está permitido mas [falar da] morte está proibido... O simples fato de lembrar que você vai morrer e pesar a sua situação e suas ações em face da morte já o coloca mais próximo da realidade. Mas, se você acreditar na total extinção de si mesmo, bom, essa representação ainda é falha. É isso que dizia a doutora Elisabeth Kübler-Ross: “eu não preciso convencê-lo de que existe vida após a morte. Você vai estar lá de qualquer maneira. Por que vou ter esse trabalho?”. Isso não é uma matéria de fé; é um dado da realidade. Sem esse dado, sua esquemática temporal fica deslocada em relação à estrutura da realidade.

Aluno: Na introdução do curso de filosofia, o senhor falou que uma idéia ou uma cultura vai se sucedendo à outra, não necessariamente superando a anterior, mas só trocando. Isso acontece por conta desta teoria moderna de tudo isso que estamos vendo agora ou é algo anterior a isso?

Olavo: Não, sempre foi assim. Quando termina uma cultura e começa uma outra, isso não quer dizer de modo algum que houve progresso. Você só pode falar em progresso quando os elementos conquistados se conservam. Se você os perdeu e começou a fazer outra coisa, não há nem como fazer uma comparação. É o negócio do Jean Fourastié: é o progresso da ignorância. “Nós aprendemos um monte de coisas”. Sim, mas e o que nós esquecemos? E tudo aquilo que se tornou incompreensível para as gerações seguintes? Hoje, todas as pessoas que estão num curso universitário acreditam que estão no topo da evolução humana. Mas se eu der um livro do século XV para lerem, não conseguem lê-lo. Então, aquilo que estava ali foi perdido. Se tivesse sido conservado e se somado outra coisa, aí haveria alguma medida de progresso.

Outra coisa: só pode existir progresso quando existem motivos determinados. Pode-se dizer que processo qualquer, uma sociedade, uma entidade, um país, um grupo melhorou ou piorou só em função de objetivos declarados. Se ele está conseguindo seus objetivos, muito bem, melhorou. Se ele não está conseguindo, piorou. O julgamento de progresso ou decadência só pode ser feito em certas circunstâncias. Fora disso, é uma figura de linguagem, a expressão de um desejo, uma valoração subjetiva. Mas, por exemplo, quando começou a economia de mercado, ela iniciou-se com um objetivo muito claro: criar riqueza e dar uma vida material melhor para as pessoas. E ela conseguiu. Quando inventaram a Igreja Católica, foi para quê? Foi para salvar o maior número de almas possível, levar as pessoas para o céu. Durante um tempo ela conseguiu. Mas, agora, está conseguindo? Não. Então, você sabe que piorou. É uma coisa objetiva. No entanto, pode estar servindo para outra coisa: serve para fazer a revolução socialista na América Latina. Bom, mas isso não estava no plano. Mas sempre, se for para julgar pela mentalidade revolucionária [os revolucionários dirão]: “ah, não deu certo uma coisa? Nós fazemos a outra. Estamos levando todo mundo para o inferno, mas vamos fazer o socialismo. Ótimo!” [2:30]

Aluno: No caso de [...] esse local no tempo, essa espécie de [...] é propriamente a eternidade, considerando que ele foi para lá ou [...].

Olavo: O tempo está *dentro* da eternidade! Você não sai do tempo para ir para a eternidade. A dimensão temporal se conserva, senão não poderia haver narrativa. Eu não estudei esse assunto especificamente, mas de tudo o que me chegou de notícia até hoje, vejo que alguma forma de temporalidade da vida humana se conserva, porque [as notícias] têm uma estrutura narrativa. O menino em *O Céu é de Verdade* falou que aconteceu tal coisa, *depois* outra, e *depois* outra. Primeiro, viu a irmãzinha, depois o avô. Ele disse que viu a Santíssima Trindade pela seguinte ordem: primeiro Deus Filho, depois Deus Pai, e depois Deus Espírito Santo. Tem uma história. Mas quanto tempo durou? Três minutos. É uma infinidade de acontecimentos. Então, alguma estrutura temporal ainda há. A expressão “vida eterna” é uma hipérbole, uma figura de linguagem: nós não podemos ser eternos porque o eterno não tem começo nem fim. Nós tivemos começo. Em espanhol se diz “*la vida perdurable*”. Eu acho que é mais exato.

Aluno: O curso de metafísica tem um efeito saneador [...] A maneira de pensar a realidade [...]

Olavo: Bom, tem um efeito exorcizante, de alguma maneira. Tira os fantasmas...

Aluno: Exatamente. [...] efeito de salvação. Dentro dessa concepção, qual a sua concepção de salvação pessoal?

Olavo: Não tenho nenhuma concepção. Como é que eu vou ter?

Aluno: [...] é a hipótese dada pela metafísica ou da Revelação?

Olavo: Não. Não pode ser dado nem pela metafísica nem pela Revelação: quem salva é Nosso Senhor Jesus Cristo.

Aluno: Sim. Então, é a Revelação!

Olavo: Como revelação? Não é a Revelação que salva; é Ele, pessoa. A Revelação está lá no Evangelho. Você pode dizer “o Evangelho salva”? Não, o Evangelho não salva nada. Você pode lê-lo o dia inteiro, saber tudo aquilo de cor, mas quem vai salvá-lo é uma pessoa, não é uma idéia; é uma pessoa real.

Aluno: Sim, é uma pessoa real, mas é preciso ter uma idéia, uma afirmação sobre uma realidade...

Olavo: Não, não é. Isso é uma coisa que Ele mesmo disse. Eu não tenho como transformar isso numa idéia. [Não podemos pretender] pegar esses fatos [da vida de Nosso Senhor] e transformar numa doutrina. A Igreja está fazendo isso há dois mil anos e não terminou ainda. Se for esperar a doutrina cristã ficar pronta, você não será salvo jamais. Então, isso não tem como ser discutido na esfera das idéias e das doutrinas. Isso é um ato de uma determinada pessoa.

Aluno: Sim, [...]

Olavo: Como é que eu vou saber de uma coisa dessas? Ele virá julgar os vivos e os mortos. Mas como é que ele poderá fazer isso? Não tenho a menor idéia.

Aluno: Não é o sacrifício dele que julga?

Olavo: Não. É Ele, não é o sacrifício dele. É Ele mesmo.

Aluno: Sim, mas o [...]

Olavo: Não está dito que no final dos tempos você vai ser julgado pela crucificação. Não, você vai ser julgado pelo Crucificado.

Aluno: [...]

Olavo: Isso não responde à pergunta que foi colocada.

Aluno: Ele próprio disse: “Eu [...] dessa maneira”. [...] Revelação.

Olavo: Se você está querendo dizer com “revelação” a seqüência de acontecimentos que estão narrados no Evangelho, e que incluem muito mais acontecimentos do que os que estão narrados no Evangelho, então sim, isso é a Revelação. Mas se você entender por “revelação” apenas aquilo que está escrito no Evangelho e que foi depois desenvolvido pela doutrina ao longo das discussões teológicas em concílios e etc., então digo que a Revelação não salva ninguém.

Aluno: [...] é a Revelação.

Olavo: Escuta, a palavra “revelação” está só atrapalhando. Ninguém jamais foi salvo pela Revelação. A Revelação é a penas um fato e esse fato já aconteceu. O que já aconteceu não vai determinar o que vai acontecer depois. Existe uma decisão a ser tomada. Essa decisão vem de uma pessoa.

Aluno: Então, a decisão é arbitrária?

Olavo: Como é que eu vou saber? É da natureza de Jesus Cristo a ação arbitrária? Não. É da natureza de Jesus Cristo a ação de acordo com uma lógica pré-determinada? Também não.

Aluno: Ele tem uma natureza própria.

Aluno: É uma pessoa que tem um caráter...

Olavo: Eu vou tomar por exemplo uma coisa muito mais simples: um ato que uma pessoa faz por amor a você é arbitrário? Não. É um ato inteiramente determinado por uma doutrina lógica? Também não. Então essas categorias não se aplicam ao amor divino. É muito simples.

Aluno: Mas o amor divino segue uma [...]. Segue uma idéia metafísica do possível. Então...

Olavo: O que você está querendo é entender a lógica do amor divino. Em primeiro lugar, isso não faz sentido. Lembre-se do exemplo que dei outro dia: uma pessoa se dirige a você e fala: “eu te amo”. Você vai perguntar “por quê”?

Aluno: Não, mas os dados materiais...

Olavo: Um ato de amor é auto-explicável. Nenhuma explicação o abrange. O amor responde a todas as perguntas instantaneamente e aplaca todas as dúvidas. Não é que responde a todas as dúvidas, mas aplaca todas as dúvidas. A dúvida cessa de fazer sentido naquele contexto, e essa é a resposta final.

Aluno: Mas há um chamado. É a Revelação no sentido em que Ele esteve na Terra e falou certas coisas: “Venham até mim”, “Eu sou a porta”...

Olavo: Um momento. O Jesus do qual você está falando é o Jesus que está lá no Evangelho e que está na doutrina. Não é desse que eu estou falando. Tudo o que o Evangelho disse e tudo o que a doutrina disse é um nada. Eu estou falando do Jesus real.

Aluno: Mas como você pode dizer “real” se não acessá-lo pela Revelação?

Olavo: A pergunta é o contrário: o Jesus real já estava agindo aí muito tempo antes do Evangelho. Se não houvesse o real, como é que você iria conhecer a Revelação? É um hábito cultural de confundir a ordem do conhecer com a ordem do ser. Mas o que tem de predominar é a ordem do ser. E também não é verdade que só se possa conhecê-Lo através da Revelação. Isso não é verdade de maneira alguma! A ação divina está onde ela quiser, não é onde está escrito na Revelação. Se Deus quiser fazer um milagre para um sujeito que nasceu no fim do mundo e que nunca ouviu falar em Evangelho nem em coisa nenhuma, Ele faz! A ação divina predomina sobre a revelação. Predomina infinitamente! Não é certo dizer “nós só sabemos d’Ele o que está escrito ali”.

Aluno: Porque ele quis se fazer carne e se revelar para...

Olavo: E se você nunca ficou sabendo disso? Vai interferir em alguma coisa? Não vai interferir em absolutamente nada! Veja, a seqüência dos milagres que ocorreram depois do que está ali [2:40] é um negócio inabarcável e não depende das pessoas conhecerem o Evangelho. A ação divina é muito mais vasta do que vocês estão imaginando. Vocês leram muito Evangelho e estudaram pouco a história dos milagres. Mas como é que começa o Evangelho? Não começa com um milagre? Se não tem o milagre do Nascimento Virginal, aquilo não vale nada. Se não tem o milagre da Ressurreição, também não vale nada. Então, o milagre prevalece sobre a narrativa evangélica. A narrativa evangélica existe porque existiu o milagre. Então, é o milagre que explica a Revelação e não a Revelação que explica o milagre.

Aluno: Mas o apóstolo Paulo disse o seguinte: “ainda que viesse um anjo e pregasse o Evangelho [...]”.

Olavo: Faz o seguinte. Você é de formação protestante? Protestantes lêem o Evangelho o dia inteiro. E este é que é o problema: eles querem explicar tudo pelo Evangelho. Está dito no próprio Evangelho que o Evangelho é uma migalha em face daquilo que Jesus Cristo fez.

Aluno: Não com estas palavras...

Eu estou dizendo com as minhas palavras. Se fosse registrar tudo o que ele fez, não haveria livro que chegasse. Então, de cara, estamos avisados de que o Evangelho é só uma amostra e o que pesa mais é o que Ele fez, porque, para começar, Ele fez o mundo. Eu não estou negando a importância do Evangelho, evidentemente, mas estou dizendo que há coisas mais importantes, a começar pelos personagens do Evangelho, que já existiam antes que aquilo fosse escrito e que continuaram agindo entre populações que jamais ouviram falar do Evangelho. Então, observar e perceber esta ação divina é a coisa mais importante.

Aluno: [...] milagres [...]

Olavo: Olha, há quarenta santos católicos que foram enterrados há séculos e cujos corpos estão intactos. Começa por isso. Por que os corpos estão assim? Porque Deus quer que seja assim. Leia a vida do padre Pio. Ele fazia cinco, seis, sete milagres por dia. É um absurdo, aquilo é um absurdo!

Ali acontecem mais coisas do que estão narradas no Evangelho. Neste, constam duas ou três curas que Jesus Cristo. O Evangelho só conta duas ou três. E as outras que não estão relatadas? Você quer ter uma idéia? Veja o que o padre Pio fez. O padre Pio não é Jesus. Só as do padre Pio já transcendem em número todas aquelas que estão contadas no Evangelho. Agora, imaginem o que todos os outros fizeram? Porque Jesus Cristo disse: “o que eu fiz, vós o fareis”. E os caras estão fazendo!

Aluno: E o padre Pio. Qual a história? Qual a relação dos milagres com aquilo que ficou em função dos milagres?

Olavo: Eu não sei. Eu não tenho a menor idéia. Agora eu vou fazer a avaliação da repercussão histórica dos milagres do padre Pio? Fazer essa pergunta é levantar um problema que posso passar o resto da vida estudando e não vai acabar. Mas não sei se você percebe que o milagre é auto-explicativo. Por exemplo, uma menina que não tinha pupilas e saiu enxergando. Ela vai perguntar “como é que você fez isso? Se eu não tiver explicação, eu não aceito?”

Aluno: Auto-explicativo em que sentido?

Olavo: É auto-explicativo porque aquilo não precisa se justificar em função de nada. É auto-justificado, por assim dizer. Como o bem que as pessoas fazem é auto-justificado. Para o mal nós temos de encontrar uma explicação. Veja as duas situações: uma pessoa lhe diz “eu te amo”. Você não pergunta por quê. Mas, se a pessoa disser “eu te odeio”, você pergunta: “Por quê?” É assim ou não é assim? O amor é auto-justificado, ele ilumina o campo do acontecimento e não há o que explicar porque ele é a explicação. A explicação é aquilo que acalma a sua alma, ela te coloca dentro de um campo de luminosidade onde as questões desaparecem. O desprezo que a nossa cultura tem pelo fato dos milagres é o maior sinal de burrice que existe. Dizem que o milagre é um negócio excepcional, mas não é tão excepcional quanto estão pensando! Estas coisas estão acontecendo a todo momento. Se fossem noticiá-las, não haveria jornal que chegasse. E, no entanto, isso é totalmente ignorado. As pessoas querem raciocinar fora disso. Então só sobraram dois canais: o Evangelho e a doutrina. Assim, automaticamente o cristianismo de uma pessoa se torna no culto do Evangelho e no culto da doutrina. E onde está a ação divina? Não tem. Vira tudo realmente uma questão de pensamento, de opinião, de crença etc. O padre Pio foi confessor durante quarenta anos. É um confessor a quem ninguém precisava confessar pecado nenhum, porque ele já sabia os pecados dos caras. “Você fez isso, isso e mais isso, e eu te absolvo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Vai para casa”.

Aluno: Era do SNE.

Olavo: Era do SNE. E mesmo que ele tivesse feito só isso.

Aluno: O senhor disse que a Igreja está aí para a “salvação das almas”. O que o senhor quer dizer com isso? Há então salvação de almas por algum caminho...

Olavo: Claro, a finalidade dela é essa. Mas não quer dizer que Deus não possa agir à margem dela se Ele quiser. Deus está proibido de fazer isso? Não está!

Aluno: Deus de algum modo se pronuncia de um jeito ou de outro. Claro que o que cabe dentro de nós é avaliar...

Olavo: Se considerarmos a história inteira da Igreja Católica, a ação divina no mundo transcende aquilo infinitamente, porque começa na criação do mundo. Aliás, começa antes da criação do mundo.

Quando as pessoas falam a palavra “Deus”, elas estão sempre falando de um ente abstrato hipotético, porque, na ordem do conhecer, Deus é a coisa mais difícil de alcançar. Mas na ordem do ser, ele não pode ser o último; ele tem de ser o primeiro. Providência inicial: reger a ordem do conhecer pela ordem do ser, ou seja, levar em conta as primeiras coisas primeiro. E as primeiras coisas são aqueles primeiros princípios que antecedem a origem do próprio cosmos e, conforme mostrei para vocês, não podem existir apenas como uma regra lógica, um conjunto de regras, mas tem de ser a expressão de uma inteligência efetiva, uma consciência efetiva. Então, temos uma noção do que é o Logos divino.

Tudo começa com isso: é o Logos Divino, esse é o primeiro. Por que se diz que Cristo é “o Primogênito”? Porque foi o primeiro que apareceu. Quando apareceu? Junto com Deus Pai, mas é o primeiro. Este é fundamento de toda explicação. Também demonstrei para vocês por que a verdade não pode tomar forma de uma doutrina, de uma teoria, de uma imaginação, de um sentimento. A verdade só pode existir como pessoa. Então é por isso que dizem: você vai para o céu e vai encontrar Jesus Cristo. Não dizem que você vai chegar lá e eles te farão uma exposição teórica: “senta aí e agora nós vamos explicar tudo”. Não é assim. Seria um saco, na verdade. [2:50]

Eu sei que as coisas que estou dizendo são tão contrárias à linguagem do pensamento contemporâneo, que mesmo as pessoas que são cristãs às vezes acham escandaloso o que estou falando! Porque eu não estou falando do Deus que está no Evangelho ou na doutrina. Não, eu estou falando do Deus que existe mesmo! As pessoas não estão acostumadas. Elas tomam Deus como objeto de crença: “Nós os crentes acreditamos, os outros descrentes não acreditam”. Bom, então Deus se resolve dentro da esfera das crenças humanas. É um objeto de crença. Mas eu já desisti disso há muito tempo.

Falam da diferença entre o Deus da fé e o Deus dos filósofos. Bem, não importa, o Deus verdadeiro é um só. É o Deus da crença? Claro que não! Crença é um negócio que está só na nossa cabeça! Não se trata do Deus no qual você crê. Crendo ou não, Ele está agindo, e é Este que interessa. O Deus da sua crença não pode salvá-lo. Só o Deus real pode, o qual transcende sua crença! Você pode até acreditar muitas coisas erradas em relação a Ele, mas não faz a mínima diferença, pois quem vai salvá-lo é Ele, e não o que você pensa a respeito d’Ele. Não pense que, no dia do Juízo, você será salvo por ter a doutrina certinha. Não vai!

Aluno: Que a doutrina não salva, isso é claro. Mas não implica que...

Olavo: A doutrina é um conjunto de possibilidades lógicas. Nenhuma doutrina abarca a realidade, ela se refere à realidade, mas não a abarca.

Aluno: como que Deus [...] a concepção diz que homem está separado de em Deus. De alguma forma há um chamado, há uma unção, há uma [...].

Olavo: Que história é essa de que está separado de Deus? Nem os caras do inferno estão separados de Deus! Nem o diabo está separado de Deus! Isso é uma figura de linguagem! Isso não é um conceito rigoroso. “O homem está separado de Deus”. Metafisicamente, isso é um absurdo, você não pode estar separado d’Ele nem por uma fração de segundo. O que acontece é o seguinte: ou você não sabe dele, ou não tem a atitude adequada perante Ele. Mas qual é a atitude adequada? A atitude adequada é tratá-Lo como alguém que existe, não com alguém em quem você crê. Se me perguntarem se eu creio em Deus, eu respondo que não sei; às vezes eu creio, às vezes não creio, mas Ele está aí de qualquer maneira. Tudo o que você pensa é coerente com sua crença, com sua fé? Não. Às vezes, eu tenho idéias que, em seguida, percebo que contradizem a fé. Nem por isso eu deixei de pensá-las. Agora, se eu sei que a ação divina está presente de qualquer maneira, e eu a

reconheço, porque ela aparece a toda hora, então eu estou lidando com uma realidade, não com uma crença. É por isso que o estudo dos milagres é importante, porque os milagres não são elementos de doutrina, mas são coisas que acontecem. Quando eu li aquela frase de Santo Tomás de Aquino: “nós falamos com palavras, Deus fala com palavras e coisas”, isso aí tirou a escama de meus olhos.

Aluno: Qual a frase?

Olavo: “Nós falamos com palavras; Deus fala com palavras, coisas, atos, fatos”. Então, tudo o que acontece é o discurso divino. Deus está falando o tempo todo e é ali que temos de prestar atenção. Os fatos expressam o poder divino o tempo todo. Uns expressam diretamente, outros indiretamente, e outros inversamente, mas expressam. Quais expressam melhor? Aqueles que decorrem da ação divina diretamente e sem obstáculos, os milagres. O milagre é uma expressão direta e sem mácula, não tem mistura. Esses são os fatos mais importantes.

Aluno: Mas um milagre traz em si o elemento [...] É preciso entender o sentido dele. E por isso, eu disse aquela frase do apóstolo Paulo onde ele fala: se vier um anjo, ou um milagre, e a partir desse milagre você [...] com o Evangelho que não é aquilo que [...] então, na verdade ele está colocando um limite...

Olavo: Não, ele está falando das conclusões que você tirou.

Aluno: Ele está falando da ação do anjo que ensina...

Olavo: Ele está falando que se o anjo vem e faz um milagre que é o contrário da vontade de Deus, então não é um anjo, é o diabo. Ele está usando uma hipérbole. É o mesmo que dizer: se Jesus Cristo viesse aqui e fizesse todo o contrário, não é para acreditar. Isso é hipérbole!

Aluno: [...]

Olavo: De novo: escuta, você está lidando com um conceito ou com uma figura de linguagem?

Aluno: estou lidando com o conceito que está por trás...

Olavo: Não, isso não é um conceito, isso é uma figura de linguagem. Isso se chama uma hipérbole: é uma espécie de um exagero monstruoso. Ele está querendo dizer que se um anjo do Senhor agisse ao contrário do que o Senhor determinou, então não é mais um anjo, é um demônio. Então, o que ele está dizendo não vai acontecer jamais. Portanto, não se preocupe com isso. Nunca um anjo do Senhor virá enganá-lo. São Paulo está falando de uma hipótese que não se realizará de maneira alguma. Agora, você pode ver um milagre, você pode ver a ação divina e tirar uma conclusão errada. Isso é outra coisa. Mas não foi um anjo do Senhor que o enganou.

Aluno: Ele está falando justamente desta situação: de alguma coisa que aparece com uma roupagem...

Olavo: Não. Então o que ele está querendo dizer é o seguinte: é um falso milagre, um milagre demoníaco. Isso acontece mesmo.

Aluno: E ele é manifestado pelo entendimento que vai contra o Evangelho [...] É justamente isto que eu estou querendo dizer. Você pega uma manifestação miraculosa...

Olavo: O que ele está querendo dizer é o seguinte: o Evangelho é o critério de diferenciação. É só isto. [Digamos que] aqui nós temos um negócio que parece um milagre de Deus. Então, nós

conferimos com o Evangelho para ver se de fato é um milagre. Então, [o Evangelho] é um critério. Critério vem de uma palavra grega que significa uma pedrinha que eles usavam para bater nos outros metais para saber se era ouro ou outra coisa. Então, isso não quer dizer que a ação divina esteja sob o julgamento do Evangelho. Não está. Está infinitamente acima de tudo o que está escrito no Evangelho. Não é limitado por aquilo de maneira alguma. Mas para nós, na ordem do conhecer, para que nós não entremos em confusão, nós usamos o Evangelho como critério.

Aluno: Como critério ele não produz o ouro...

Olavo: Não produz o ouro, ele só faz a avaliação. O ouro vem de Deus e não do Evangelho. Quando o próprio Evangelho diz...

Aluno: o Evangelho é a maneira como Deus quis nos orientar. Não se trata de o Evangelho controlar a Deus, é o contrário. O que mais nós temos para nos orientar nessa vida...

Olavo: O que mais nós temos? O que mais nós temos? Temos o próprio Deus!

Aluno: Se não fosse assim, ninguém se salvaria antes de Jesus Cristo ter encarnado nesse mundo nem os que não estivessem voltados para a nossa cultura.

Olavo: Claro! Jesus Cristo não pode levar ao céu quem Ele quiser? Pode. Por exemplo, a Igreja Católica diz: “ninguém se salva fora da Igreja Católica”. Então, ó raios, por que a gente reza por todas estas pessoas que estão fora? É para que, mesmo elas estando fora, Deus as aceite como se estivessem dentro. [Esperamos que essas almas realizem] o chamado “batismo de desejo”: a alma está tão voltada para Deus que é como se ela fosse católica. Então, nós rezamos para que Deus aceite isso. E se ele não aceitasse, todos estariam lascados. [3:00]

Aluno: [...] essa sua concepção não é a mesma da Igreja Católica.

Olavo: Claro que é! Isto é a doutrina da Igreja Católica! Aliás, tem alguém aqui que pode informá-lo. Tem um teólogo ali atrás.

Aluno: Mas as almas que estão fora da Igreja não se salvam.

Olavo: Elas não estão fora. Pergunta para o padre. Qual é a solução disso?

Padre Paulo Ricardo: O problema é o que se entende por “Igreja”. A Igreja é o corpo de Cristo, não é uma agremiação. Qualquer um que vai para o céu será um membro do corpo do Cristo. É impossível que não seja [...] membro do corpo de Cristo. A Igreja só existe como Corpo de Cristo, não têm dois Cristos. Por exemplo, quando a Igreja Católica diz no Credo: “confesso um só batismo”, a Ela está dizendo o seguinte: que quando você é batizado, você se torna de algum modo um membro da Igreja Católica em plena comunhão com ela. Não tem dois batismos; só tem um, o batizado da Igreja Católica. [...]. Um chinês, lá na China, que nunca ouviu falar de Jesus Cristo. [...] Nós rezamos para que ele seja salvo. Quando ele for salvo, ele será salvo por Jesus Cristo e será membro da Igreja Católica.

Aluno: [...] Igreja Universal...

Olavo: Esses caras são todos um espécie de “católicos do B”. Eu não sei se os alunos que estão online ouviram a explicação. O Padre Paulo acabou de explicar que essa questão depende do sentido que se atribui à palavra “Igreja”. Podemos estar nos referindo a uma organização historicamente existente, mas podemos também estar nos referindo, num plano mais elevado, ao

Corpo de Cristo como totalidade que esta Igreja personifica e representa no plano histórico. Então, todos os que são salvos, são salvos como membros do Corpo de Cristo, e nesse sentido são membros da Igreja Católica, mesmo que não o saibam. Jesus Cristo pode integrar em seu corpo quem Ele quiser. Eu não estou inventando uma coisa fora da Igreja Católica; isso é a doutrina da Igreja Católica melhor explicada ali, mas é a mesma coisa.

Aluno: Se entendido assim...

Olavo: Não é “se entendido assim”; esta é a doutrina da Igreja Católica, não há outra. Quem diz isso é a doutrina da Igreja, não é o Olavo.

Aluno: Os protestantes também entendem que a Igreja é o Corpo de Cristo, não nesse sentido, mas de outra maneira.

Olavo: O artigo do Credo “eu confesso um batismo” [professa que] só há um batismo. Se Jesus Cristo considerou aquele batismo válido, então é o mesmo batismo da Igreja Católica, quer você saiba ou não.

Aluno: há uma concepção nesse processo de [...] com um chinês que ele só será salvo à revelia de um processo de vida que [...].

Padre Paulo Ricardo: Veja, como é que nós resolveremos nossos problemas intelectuais com aquilo que Deus fará, aí é um outro problema [...] da teologia, ou da filosofia, no caso. Por exemplo, no ano 2000, o cardeal Ratzinger publicou um documento [...] chamado Dominus Iesus, onde ele fala que só existe um Corpo de Cristo que é a Igreja Católica, e não explicou mais nada. [...] Ele disse que é isso. E agora, como é que vai ficar? Eu não sei.

Aluno: Mas nós somos levados a ter teorias [...]

Olavo: Mas que importa saber como é que isso vai ser feito?! É você que vai fazer? Você vai interferir no negócio? A ação divina não é uma teoria que possa ser discutir; ela é um fato que se impõe. Hegel olhava a montanha e dizia: “É, de fato, é assim!”. Não há mais nada para dizer. O fato é uma coisa terminal, ele fala por si. Em primeiro lugar, qualquer pergunta que você faça sobre um fato o encara sob uma direção só – não sob todas as ao mesmo tempo, pois é impossível raciocinar sobre o fato concreto na sua totalidade. Você é capaz de observar o fato concreto na sua totalidade, mas não de pensá-lo. Na hora em que você começa a pensar, o fato já se subdivide em seus vários aspectos e direções. Então, é claro que, ontologicamente, isso está numa escala infinitamente abaixo do fato. Só que todos nós, há vários séculos, estamos viciados em privilegiar as idéias, teorias, as hipóteses etc, e virar as costas ao fato. Eu prefiro um montão de fatos sobre que eu não entenda, a uma única idéia errada que eu entenda. E mesmo que minha idéia esteja certa, é apenas uma idéia e nada mais.

Existe no mundo moderno uma espécie de horror ao fato, horror à realidade como tal, que vem justamente do sentimento do desamparo, do sentimento cósmico persecutório que é a base de todo o gnosticismo. Quando Eric Voegelin diz que o gnosticismo é a ideologia do nosso tempo, ele tem toda a razão. É a ideologia do nosso tempo não enquanto doutrina, mas enquanto estado de espírito, isto é, as pessoas sentem que estão dentro de uma imensa realidade hostil contra a qual elas têm de se defender de algum modo. Elas têm horror à criação, e este é o estado de espírito moderno por excelência. E note bem, *todos nós fomos infectados por isso, todos*. Na cultura contemporânea inteira – pouco importando se ateuística ou religiosa –, a linguagem geral é deste tipo. Para encontrar algo que não seja assim, é preciso recuar muito no tempo.

Aluno: Até quando?

Olavo: Não sei exatamente. O que também não quer dizer que tudo nessa cultura esteja infectado. Não, tem coisa que não está. Mas [é sintomático que] a reação normal das pessoas diante do fato seja sempre perguntar “por quê?” ou “como?”, quando há inúmeros fatos que são auto-explicativos e que responderão a tudo, se você deixar que eles moldem a sua percepção. O fato miraculoso é desse tipo.

Aluno: Uma pessoa que esteja perdida, desorientada com relação às diversas religiões do mundo, o que o senhor responde a ela?

Olavo: Vá lamber sabão. Ah! Você estudou todas as religiões do mundo para saber qual é a certa? Você é um cretino! Isso é o tipo da coisa que não se deve fazer, pois o que interessa não é a religião; o que interessa é Deus. Por que você não perguntou para Deus?

Aluno: Isso é uma resposta.

Olavo: Pergunte para Deus e espere que ele responda. E pior ainda, Ele responde. Eu posso assegurar para vocês que isso já me aconteceu mil vezes: eu quero saber de alguma coisa, [quero saber] por onde estudar aquilo, eu peço para Deus uma resposta e acordo sabendo no dia seguinte. Depois, eu não vou perguntar “como é que Você fez isso?” Se eu for procurar saber como é que Ele fez, é sinal de que eu quero fazer a mesma coisa. Então, se eu quero descobrir como é que Ele infunde em mim a inteligência, [3:10] como é que eu vou fazer? Eu tenho de me separar da minha inteligência, tomá-la como objeto de observação, e, desde minha burrice, entendo minha inteligência. Não é possível. Só tem uma coisa: é a abertura para o fato; não é a busca da explicação. É o que se chama “atitude contemplativa”. Não é para fazer pergunta; é para olhar, aceitar e gostar do que está vendo. Isto abre sua alma e lhe dá mais conhecimento, mais entendimento. Outras vezes, há coisas que nós precisamos saber desesperadamente, pedimos para Deus e Ele não dá. Por que ele faz isso? Eu não sei.

Aluno: O que você acabou de falar é uma resposta. A pessoa que se questiona [...]

Olavo: O que a pessoa quer com isso? Ela quer conhecer as religiões ou a realidade? As pessoas se interessam por religiões, por sociologia, por filosofia, por ciência política, mas ninguém se interessa por aquilo que se chama “realidade”. É o conselho do Eric Voegelin: “não estude filosofia, estude a realidade”.

Aluno: Se alguém está viciado, como se voltar para realidade, por exemplo?

Olavo: No começo do *Seminário*, eu dei alguns exercícios para isto, para você aprender a se abrir à realidade. Um deles é esse exercício de se abrir à imensidão cósmica e saber que você está ali no meio como um pontinho e que aparentemente nada o segura, nada o mantém. Aparentemente, você já está liquidado pelo simples contraste de tamanho. E, no entanto, você continua vivendo e tem até uma existência eterna. Entre essas duas balizas está todo o senso de realidade: a abertura da realidade, o horizonte do desconhecido que faz parte da própria estrutura da realidade e, por outro lado, a eternidade ou perenidade da vida humana. Esses são os dois dados fundamentais.

Aluno: Poderia repetir, professor?

Olavo: Por um lado, [é preciso adquirir] a abertura para a infinitude do real, para a ilimitação e para o desconhecido. [É necessário se abrir] para a presença do desconhecido, presença com a qual sempre todos nós contamos, e que eu sei que é um desconhecido apenas para mim, mas que não se

torna irreal por isso. Por outro lado, [é preciso adquirir] a consciência de eternidade da vida humana, a consciência de sua unidade substancial, aquilo que você realmente é e que você não conhece, ou seja, a forma com que Deus o criou e a forma como Ele o mantém na existência por baixo de tudo aquilo que você sabe e pensa.

Desde que eu me conheço por gente, eu acho que eu sou eu mesmo. Alguém aqui tem alguma dúvida? Acha que é outra pessoa? E, não obstante, eu não sou capaz sequer de me lembrar de minha história. Portanto, eu não tenho uma unidade no aspecto psíquico. Unidade física também não tenho, pois todas as células do meu corpo já foram trocadas. E, no entanto, eu sei que essa minha unidade existe. Então, ela não está colocada neste plano. Onde ela está? Ela só existe no rebate entre a forma da individualidade e a eternidade. É aí que percebemos que temos uma unidade substancial mesmo. Pior, percebemos que ela não será extinta com a morte.

Por outro lado, se levarmos essa coisa um pouco adiante por raciocínio e dedução, entendemos que uma única alma imortal não será extinta nunca mais; ela vai durar mais do que toda a história humana junta, e mais do que todo o universo físico junto. Assim, aquele mesmo ser que, por um lado, aceita a sua condição de ser um grão de areia, um átomo na imensidão do espaço, por outro lado, é maior do que esse espaço inteiro. E esta é a medida exata do ser humano. É como está expresso no Salmo 8: *“que é o homem, para dele te lembrares, e um filho de Adão, para vires visitá-lo? E o fizeste pouco menos que um anjo”*. Isto é a medida real. Não é figura de linguagem; é um conceito rigoroso.

Aluno: [...]

Olavo: Esse é o método: tentar balizar tudo o que eu penso, tudo o que eu acho, tudo o que eu sinto pela medida da realidade. Qual é a medida da realidade? O homem é ao mesmo tempo um átomo perdido no espaço e no tempo e, por outro lado, é maior que o espaço e o tempo.

Aluno: A diferença entre verdade com aquilo que o senhor falou na segunda aula, que a definição de verdade é quando a realidade se conforma ao conhecimento.

Olavo: É. Segundo Kant, a verdade é aquilo que se conforma com a modalidade de nosso conhecimento.

Aluno: mas você falou que não é só isso, mas que é mais que isso. Eu não consegui entender.

Olavo: O que eu estava comentando é a definição escolástica da verdade: que é a coincidência entre o conhecimento e o fato. Esta definição é verdadeira, mas não é suficiente, pois se refere somente à verdade como algo que está em nossa consciência. Mas é preciso ver a verdade pelo lado contrário: é onde nós estamos nela. É melhor definir a verdade como um campo no qual nós estamos e do qual não podemos sair realmente, mas podemos sair mentalmente. Podemos imaginar que estamos fora dela, mas não sairemos dela um minuto sequer. Podemos imaginar e trocar o campo real onde as coisas estão se dando por um campo mental que nós mesmos delimitamos. O que nos impele a fazer isso? O medo, a falta de confiança. Dito de outro modo: [o que nos impele a trocar a verdade por uma ficção é] a falta da fé. Se entendemos a fé como confiança e não como crença, entendemos que a diferença entre as duas atitudes é se temos fé ou não, ou seja, se confiamos ou não. Se não confiamos, teremos de nos defender, e para nos defendermos, teremos de criar uma estrutura defensiva, uma espécie de fortaleza mental dentro da qual nos sintamos abrigados. Só que essa defesa é puramente mental, só existe nossa cabeça. Por outro lado, continuamos no mato sem cachorro, como antes. Então, não tem outra saída!

Aluno: Dentro dessa técnica de ver a verdadeira medida do ser humano, quanto [...] na questão do “eu era cego e agora eu vejo”, ou seja, é uma abertura de olhos. Essa abertura de olhos não é necessariamente uma ação do espírito de Deus, ou seja, não basta [...] atitude...

Olavo: Olha, não sei. Eu acho que essa abertura de olhos se dá inúmeras vezes na vida. Eu sempre tenho a impressão de que até a véspera eu era idiota e que agora eu sou inteligentíssimo. Só que amanhã eu terei esta mesma impressão de novo. Antes, eu não entendia; agora estou entendendo. Muito bem, no dia seguinte acontece a mesma coisa novamente. Por quê? Porque isso não termina. Na medida em que você está aberto para a infinitude da verdade, ela não vai acabar de preenchê-lo, ela preenche um pouco e depois ela o aumenta para preencher mais. Este é de fato um processo de transformação da alma humana. [3:20] Isso não quer dizer que você vai virar Santo; você só vai deixar de ser um idiota, só isso.

Nós não dormimos todas as noites? Para podermos dormir, temos de decretar que todos os problemas terão de ficar para amanhã. Não faríamos isso se não confiássemos que alguém está administrando o conjunto das coisas e que, portanto, não precisamos nos preocupar. O simples ato de dormir é uma afirmação da fé. Agora, todas as pessoas dormem, inclusive aquelas que não têm fé nenhuma. Isso quer dizer que, na realidade, elas têm a fé que lhes permite dormir e deixar os problemas para amanhã, mas não na representação mental que elas fazem. Há muitas doutrinas e teorias que podemos expressar verbalmente, mas nas quais não podemos acreditar de fato, pois elas são incompatíveis com a estrutura da realidade. O sujeito defende aquilo na cátedra, nos livros, mas, na realidade, vai continuar vivendo como se não acreditasse naquela besteira toda.

Aluno: Essa oscilação de fé com crença está retratada com muito [...]

Olavo: O sentido da fé como crença? Muita gente diz isso, mas está errado. O paralítico e o cego do Evangelho não sabiam nada de doutrina cristã. [A atitude deles não era] “eu acredito nessa doutrina”, não era nada disso; era “eu confio em você. Você disse que é o Filho de Deus e disse que pode fazer isso e eu confio. Então, estou pedindo para você fazer.” [O importante era] a confiança na pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, e não a fé numa doutrina. Naquele tempo, nem havia a doutrina cristã. Os caras começaram a elaborar a doutrina cristã, estão elaborando até hoje e ainda não terminaram. Existe a patrística grega, a patrística latina. Eu vou ter de ler tudo isso para saber se eu acredito ou não? Então, eu já estou danado, eu já fui direto para o inferno.

Aluno: e essa mudança é a abertura existencial.

Olavo: É a abertura existencial, claro! Você se deposita na mão de Deus com confiança, e, portanto, você sabe que não é seu cérebro nem sua inteligência que vai ter de administrar tudo. Você sabe, por exemplo, que seu conhecimento será sempre fragmentado e cheio de rombos, mas não tem importância; Deus preenche o rombo.

Aluno: [...] há pouco tempo, por exemplo, a madre Teresa de Calcutá fez declarações no final da vida questionando [...] uma situação de fé neste sentido [...] estar conseguindo depositar realmente confiança ou não...

Olavo: Eu não sei como ela pensava estas coisas, não tenho a menor idéia. Mas a atitude de confiança em Deus é uma coisa muito mais profunda do que a crença, e acredito que a maioria das pessoas tem isso. Quando você perde isso mesmo, você fica num desespero imenso. Karl Marx não dormia? Se ele dormia, é porque ele sabia que o futuro da história humana não dependia dele. E, no entanto, no dia seguinte, lá estava ele administrando o futuro de novo.

A Bíblia diz que o homem existe para louvar o Senhor, essa é a finalidade de nossa existência. Portanto, isso está em nossa natureza. De algum modo, nós fazemos isso, querendo ou não, sabendo ou não. Mas nós fazemos existencialmente, não mentalmente. Agora, quando você passa a fazer também mentalmente, isso significa que seus pensamentos estão mais de acordo com a sua modalidade de existência, e, portanto, com a estrutura da realidade.

Aluno: Nesse sentido, até o cara que faz a coisa errada louva a Deus no sentido [...]

Olavo: De alguma maneira sim, mas não só nesse sentido de invertido. Muitos pecados trazem instantaneamente seu arrependimento. A alma do sujeito está dividida, está num conflito, e a simples existência desse conflito mostra que ele tem uma confiança. Não é só nesse sentido de que se você tem o mérito, receberá o prêmio; e se você tem um pecado, receberá um castigo, manifestando a justiça divina das duas maneiras. Isso também existe, mas não é só assim. A coisa é muito mais complicada, na verdade. O sujeito está fazendo o treco errado, e ele sabe instantaneamente que depende do perdão divino. Não está na capacidade do ser humano só fazer aquilo que ele considera absolutamente certo. Há uma margem de confusão e ambigüidade enorme. Mas a confusão e a ambigüidade estão na nossa mente, não na nossa realidade. Na realidade, estamos sentados em cima da confiança em Deus. Até o Richard Dawkins está.

Todo esse drama humano se desenrola na nossa mente, naquilo que nós pensamos e acreditamos, e não naquilo que nós somos. Existencialmente, a espécie humana continua funcionando de maneira maravilhosa. Mesmo que estejamos dentro da situação mais caótica e atemorizante, sabemos que não são os fundamentos da realidade que foram abalados, mas só um pedacinho dela. Se um indivíduo se encontra no meio da Segunda Guerra Mundial, no meio de um campo de concentração, é uma situação aflitiva, mas isso não quer dizer que os fundamentos da realidade foram abalados; ele é que foi abalado. Se não fosse isso, o terror das pessoas seria muito maior do que é. Como é que um ser humano sobrevive às vezes calmamente às piores situações possíveis? Quando Victor Frankl conta que, dentro do campo de concentração, viu mais bons exemplos do que maus exemplos, como isso é possível? As pessoas reduzidas à situação mais aflitiva, deprimente e atemorizante, como é que elas todas não se estragam completamente do dia para a noite? Algumas se estragam, outras não. E mesmo aquelas que se estragam não estragam em tudo. Portanto, esse fundo de confiança existe e é natural no ser humano, e o ser humano existe para isso, mesmo que ele não queira. Ele pode não querer [exercer essa confiança natural], pode tentar outra coisa, mas não vai conseguir.

Com isso, eu darei encerramento. Não cumpri todos os itens do programa, mas os principais foram dados. Muito obrigado a todos. Até a próxima.

Transcrição: Instituto Olavo de Carvalho - Curitiba

Revisão: Leonardo Torres